

UNIVERSIDADE FEEVALE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS EXATAS E TECNOLÓGICAS

MATEUS HENRIQUE HILLEBRAND

NOVO MUSEU HISTÓRICO DE NOVA HARTZ

Novo Hamburgo

2014

MATEUS HENRIQUE HILLEBRAND

NOVO MUSEU HISTÓRICO DE NOVA HARTZ

Pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Feevale.

Professores: Alessandra Migliori do Amaral Brito e Geisa Tamara Bugs

Orientadora: Lisiane Pedroso Lima

Novo Hamburgo

2014

AGRADECIMENTOS

Inicialmente agradeço à Universidade Feevale, ao corpo docente do Curso de Arquitetura e Urbanismo e a todos os professores que passaram pela minha vida, por compartilharem seu conhecimento com dedicação. Em especial, agradeço as professoras Caroline, Alessandra e Luciana por me permitirem participar do Projeto de Extensão Arquitetura e Comunidade e por me apresentarem dimensões da profissão do arquiteto que influenciarão muito na minha jornada profissional. Agradeço também à minha orientadora Lisiane pelo suporte dado e pela dedicação.

Aos colegas de trabalho, na arquitetura ou fora dela, agradeço por direta ou indiretamente fazerem parte da minha formação, especialmente às arquitetas Carla, Thaís e Andresa por serem exemplos de profissionais e de pessoas.

Aos colegas da arquitetura, agradeço por vivenciarem comigo toda essa jornada. Em especial, obrigado Amanda, Ananda, Carol e Isaque por serem a parte mais importante da minha vida acadêmica, desde o primeiro semestre, em inúmeros momentos dentro e fora da faculdade. Com a conclusão do curso, projeto meu futuro ao lado de vocês.

Agradeço a todos os meus amigos, sejam os que estão comigo de longa data, os que me acompanham desde o tempo de escola ou os que a vida me apresentou mais recentemente. Espero estar ao lado de vocês por muito tempo e obrigado pela força, pelo apoio e pelo carinho.

Agradeço à minha mãe Miria, minha primeira professora, um dos pilares da minha vida, por seu exemplo e por seu amor incondicional. Agradeço ao meu irmão Vinicius, à minha avó Ilena e a todos os familiares pela paciência e pelo incentivo ao longo dos últimos anos.

Por fim, dedico este trabalho ao meu pai Vicente, pois foi quem permitiu que eu chegasse até aqui e é por ele que vivo cada momento com inteira dedicação, na certeza de que está me iluminando em cada passo que dou. Obrigado pelo amor e pelas melhores memórias!

A todos vocês, meu muito obrigado!

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 6 |
| 2 TEMA E JUSTIFICATIVA | 7 |
| 2.1 CONCEITUAÇÃO DE MUSEU | 8 |
| 2.2 MUSEOLOGIA TRADICIONAL E NOVA MUSEOLOGIA | 13 |
| 2.3 MUSEU, ARQUITETURA E EXPOGRAFIA | 15 |
| 2.4 O MUNICÍPIO DE NOVA HARTZ | 18 |
| 2.5 MUSEU HISTÓRICO DE NOVA HARTZ | 26 |
| 3 MÉTODO DE PESQUISA | 29 |
| 3.1 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA | 29 |
| 3.2 PESQUISA DE CAMPO | 30 |
| 3.2.1. Entrevista com a diretora do Museu Histórico de Nova Hartz | 30 |
| 3.2.2. Estudo de caso: Museu Histórico de Nova Hartz/RS | 33 |
| 3.2.3. Questionário com a comunidade de Nova Hartz | 41 |
| 4 ÁREA DE INTERVENÇÃO | 44 |
| 4.1 LOTE | 44 |
| 4.2 REGIME URBANÍSTICO | 47 |
| 4.3 ANÁLISE BIOCLIMÁTICA | 48 |
| 4.4 LEVANTAMENTO TOPOGRÁFICO E FOTOGRÁFICO | 49 |
| 5 PROJETOS REFERENCIAIS | 52 |
| 5.1 PROJETOS REFERENCIAIS ANÁLOGOS | 52 |
| 5.1.1. Museu da Cachaça / Jô Vasconcellos | 52 |
| 5.1.2. Museu Histórico e Cultural de Jundiáí / AUM Arquitetos | 57 |
| 5.2 PROJETOS REFERENCIAIS FORMAIS | 62 |

| | |
|--|-----------|
| 5.2.1. Museu Monteagudo / Amann Cánovas Maruri _____ | 63 |
| 5.2.2. Pavilhão da Espanha Expo Milão 2015 / Terradas Arquitectos _____ | 66 |
| 6 PROJETO PRETENDIDO _____ | 70 |
| 6.1 PROGRAMA DE NECESSIDADES _____ | 70 |
| 6.2 CONDICIONANTES MUSEOLÓGICOS _____ | 74 |
| 6.2.1. Qualidade da atmosfera _____ | 74 |
| 6.2.2. Iluminação _____ | 75 |
| 6.2.3. Umidade e temperatura _____ | 76 |
| 6.3 PROJETOS EXPOGRÁFICOS _____ | 77 |
| 6.4 MATERIAIS E TÉCNICAS CONSTRUTIVAS _____ | 79 |
| 7 NORMAS TÉCNICAS _____ | 82 |
| 7.1 NBR 9077 – SAÍDAS DE EMERGÊNCIA EM EDIFÍCIOS _____ | 82 |
| 7.2 NBR 9050 – ACESSIBILIDADE A EDIFICAÇÕES, MOBILIÁRIO, ESPAÇOS E EQUIPAMENTOS URBANOS _____ | 83 |
| 8 CONCLUSÃO _____ | 85 |
| REFERÊNCIAS _____ | 86 |
| APÊNDICE A _____ | 91 |
| APÊNDICE B _____ | 92 |

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa busca fundamentar a proposta do Novo Museu Histórico de Nova Hartz/RS. Seu objetivo é demonstrar como a instituição museológica, enquanto equipamento público, pode contribuir para o desenvolvimento do município e servir como agente de promoção de educação, cultura e lazer.

No Capítulo 2 são apresentados os conceitos de Museu e sua função na sociedade, sua contribuição no espaço urbano além de enfatizar sua contribuição social. Para isso, mostra-se como a renovação da museologia, abandonando seu modelo tradicional, cria instituições cada vez mais atrativas, interativas e integradas às necessidades e anseios das comunidades nas quais estão inseridas. Para isso, o espaço do museu deve promover a articulação entre a arquitetura, o acervo, o projeto das exposições e ações que desenvolve.

Foi necessário identificar os principais componentes formadores da história de Nova Hartz e o trabalho desenvolvido no Museu Histórico de Nova Hartz que reforça a função social desta instituição, através de inúmeras ações educativas que apresentam a história da cidade à comunidade, promovem a conscientização sobre preservação e reconhecem e valorizam memórias e lembranças.

No capítulo 3 é feita a análise da área de intervenção que será ocupada pela proposta do Novo Museu, e no Capítulo 4, através de entrevista, questionário e estudo de caso no Museu Histórico são identificadas as principais características da atual sede da instituição. São analisados ainda, projetos referenciais análogos e formais no Capítulo 5.

O projeto pretendido é apresentado no Capítulo 6 e busca através da determinação do programa de necessidades, variadas experiências, interpretações e percepções sobre o acervo. São apontados condicionantes museológicos, como qualidade da atmosfera, iluminação, umidade e temperatura, bem como características dos projetos expográficos, materiais e técnicas construtivas pretendidas. Por fim, o Capítulo 7 identifica normativas que garantam a segurança e pelo desfrute do espaço por toda a população, através da NBR 9077 de saídas de emergência e NBR 9055 de acessibilidade universal.

2 TEMA E JUSTIFICATIVA

O Museu Histórico de Nova Hartz é uma instituição pública e que desenvolve projetos voltados para o registro de lembranças e de vivências, preservação de patrimônio histórico, cultural e ambiental, desenvolvimento turístico e conservação de acervo adquirido ao longo dos anos e que retratam as histórias dos antigos moradores da cidade. Atualmente as iniciativas da instituição são voltadas principalmente para os alunos das escolas municipais e buscam, através da educação patrimonial e ambiental, despertar o interesse pela história e contribuir para a formação de uma geração mais consciente e questionadora. Estas atividades estão em sincronia com as novas características adquiridas pela museologia ao longo do tempo em uma abordagem ampla dos aspectos culturais, especialmente da cultura alemã, e aspectos ambientais, ao centralizar as ações de preservação do patrimônio imóvel e natural.

A riqueza da história do Município de Nova Hartz aparece como elemento fundamental para as ações do museu em um roteiro que se inicia com a ocupação indígena, passando pela chegada das primeiras famílias de imigrantes alemães, pelo desenvolvimento econômico com base na agricultura familiar e pelo surgimento das indústrias de calçado. Aliado a isso, estão os patrimônios históricos, através de conjuntos arquitetônicos únicos, e naturais, que formam paisagens com potencial para o desenvolvimento do turismo ecológico.

A demanda por uma nova sede para o Museu se dá pela necessidade de um espaço com maior qualidade e onde as ações possam ser desenvolvidas de forma integral, uma vez que o espaço disponível atualmente não apresenta boa configuração espacial, com espaços insuficientes para circulação e para apreciação do acervo, além de não contar com os ambientes técnicos necessários à instituição museológica.

É necessário um espaço museológico cada vez mais atrativo, qualificado, inovador e participativo, com características espaciais que contribuam para a melhoria da qualidade ambiental da cidade através dos projetos arquitetônicos e expográficos. Logo, o Novo Museu Histórico de Nova Hartz deve se tornar um local onde haja uma apropriação por parte da comunidade e que seja identificado como promotor do desenvolvimento sustentável nos âmbitos turísticos, culturais, sociais, educacionais e econômicos.

2.1 CONCEITUAÇÃO DE MUSEU

O conceito de museu se origina no colecionismo praticado por antigas culturas orientais essencialmente religiosas, como a egípcia, a mesopotâmica e a grega, nas quais os objetos qualificados como preciosos eram depositados em templos, santuários e tumbas (BRITTO, 2008). No século XVII, as coleções reais ou privadas, como a reunida no Palácio dos Médici em Firenze, na Itália, constituíram o núcleo inicial dos museus nacionais (KIEFER, 2000). O Museu do Louvre, em Paris, na França, é considerado o primeiro museu público, ao tornar o seu acervo acessível para cientistas, artistas e estudantes (SABINO, 2010).

Existe uma evolução na conceituação de museu que está vinculada também ao seu campo de atuação, que se amplia e renova até hoje. Georges-Henri Riviere, primeiro diretor do Conselho Internacional dos Museus apresenta uma definição que engloba principalmente a função do museu aplicado à produção de conhecimento para a população:

[...] uma instituição a serviço da sociedade que adquire, conserva, comunica e expõe com a finalidade de aumentar o saber, salvaguardar e desenvolver o patrimônio, a educação e a cultura, bens representativos da natureza e do homem (GIRAUDY e BOUILHET, 1990).

O significado empregado no Brasil hoje é o apresentado pela Lei Nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, que institui o Estatuto de Museus e dá outras providências, a qual define museus como:

[...] as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento (BRASIL, 2009).

Essa lei indica também os princípios fundamentais dos museus, que inclui a valorização da dignidade humana, a promoção da cidadania, o cumprimento da função social, a valorização e a preservação do patrimônio cultural e ambiental, a universalidade do acesso, o respeito e a valorização à diversidade cultural e o

intercâmbio institucional (BRASIL, 2009). Ou seja, muitas são as caracterizações a eles associadas e elas se relacionam principalmente com a preservação e disseminação da história traçada pelas civilizações.

O museu se apresenta também como um instrumento que se dedica a prestação de um serviço de grande importância para a comunidade, através da difusão dos patrimônios natural e artificial, material e imaterial das cidades, ao desenvolver um trabalho multidisciplinar e que através da participação comunitária contribui para o desenvolvimento urbano (BRITTO, 2008).

Logo, eles deixaram de ser apenas disseminadores de cultura e, segundo Bruno (2002), passaram também a “contribuir para o progresso da cidade, pois atraem visitantes, criam empregos e geram reportagens positivas sobre as cidades”. Em seu texto “O museu de arte contemporânea de Niterói, RJ - Uma estratégia de promoção da imagem da cidade” ela analisa as intenções de construção deste equipamento para a criação de um “*city marketing*”. Bruno (2002) aponta que as políticas e projetos urbanos pretendem revelar, reforçar ou criar a identidade e a imagem de uma cidade através principalmente da cultura.

Com o objetivo de potencializar a economia local, criam-se projetos culturais emblemáticos e a imagem da cidade se apoia em novos ícones arquitetônicos. Assim, a construção de museus tem como finalidade promover a imagem da cidade internamente junto à população local e externamente ao atrair investimentos e turistas (BRUNO, 2002).

Certos do potencial do museu como local de visitação para o turismo cultural, do crescente aumento dessa prática, e da possibilidade que tem de estimular o sentimento de orgulho pelo seu patrimônio, o “Plano de Desenvolvimento do Turismo do Rio Grande do Sul: 2012-2015” reconhece a importância e contribuição da atividade turística na geração emprego, distribuição de renda e inclusão social, passando o turismo a figurar como um setor estratégico de desenvolvimento (FGV, 2012):

O turismo deve estimular e valorizar as tradições e a cultura dos diversos povos e etnias que formaram e formam o estado – e que se manifestam nos valores, nas crenças, na política, na religião, nos aspectos culturais e artísticos –, de forma a resgatar, preservar e promover o patrimônio material e imaterial legitimados pelos cidadãos gaúchos e pelos turistas.

Quando se fala em museus históricos de municípios pequenos, o projeto arquitetônico de um museu pode trazer uma resposta econômica ao município. O caso do Museu do Pão em Ilópolis/RS é citado por Feiber e Bahl (2000) como um exemplo onde a arquitetura exerce um considerável grau de atração e responde pela presença de visitantes e pela viabilidade econômica do empreendimento.

As cidades com menores índices de violência, bens e serviços culturais consolidados e boa infraestrutura de transporte e comunicação são consideradas atraentes para empreendimentos, desde que a população possa se reconhecer nele. Quando a culturalização, a patrimonialização e a musealização das cidades visam basicamente o turista estrangeiro e não o habitante local essa espetacularização da sociedade exclui a participação social (BRITTO, 2008). A falta da relação direta da comunidade com o museu pode resultar em seu distanciamento e no não cumprimento da função social da instituição.

Sobre a participação comunitária e inclusão social, o Conselho Internacional de Museus (ICOM) realizou um encontro em Quebec em 1984 onde foi elaborada a declaração “Princípios de base de uma Nova Museologia”. O documento reafirma a função social do museu tendo por princípio integrar e inserir a população em suas ações (GOMES, 2010).

O museu passa a ser visto então, como local que contribui para uma igualdade social a partir de ações de inclusão, onde todos se sintam como parte integrante e integrada do processo. É preciso que a relação entre o homem e o objeto museal, dentro do espaço museológico, seja fruída em toda a sua plenitude e contemple todos os tipos de público, sem distinções (GOMES, 2010).

É dado ao museu o desafio de ser um ambiente acessível, considerando os aspectos físicos e arquitetônicos, intelectuais e emocionais, e de acessibilidade da informação e do acervo (IPM, 2004 apud GOMES, 2010). No ano de 2013 a 23ª Conferência Geral do ICOM foi realizada no Rio de Janeiro com o tema “Museus (memória + criatividade) = mudança social”. Segundo a descrição do evento, essa equação une o frescor criativo e a memória construída nos museus com os profissionais e o público cheio de aspirações, que resulta na promoção da mudança social iniciada dentro da instituição (ICOM RIO, 2013).

Ainda em 2013, a Associação dos Museus do Reino Unido lançou uma nova visão para as instituições museológicas com um projeto chamado “*Museums*

Change Lives” (Museus Mudam Vidas). O material produzido procura aumentar o impacto social dos museus através do incentivo a desempenharem seu papel na melhoria da qualidade de vida, na criação de espaços melhores, e na contribuição para o desenvolvimento da sociedade, com base no papel tradicional de preservar coleções e com foco na conexão do público com estes locais. Ainda, o projeto incentiva financiadores, promove mudanças na política nacional e busca a relevância desses espaços para com seu público e comunidade.

Refletindo o desejo de uma vida mais saudável, com comunidades mais resilientes e uma sociedade mais justa, “*Museums Change Lives*” aborda os impactos do museu em três categorias: (1) Museus melhoram o bem-estar – sobre como os museus fazem diferença nos indivíduos; (2) Museus criam lugares melhores – sobre a contribuição dos museus para comunidades e o meio ambiente; e (3) Museus inspiram pessoas e ideias – sobre os impactos dos museus na aprendizagem e no pensamento contemporâneo (MUSEUMS ASSOCIATION, 2013).

Dentre as ações sugeridas por esse projeto estão: ter como missão do museu a melhoria do impacto social; ouvir os usuários e não-usuários; pesquisar as necessidades locais; pesquisar o que outros museus estão fazendo; procurar parceiros adequados como instituições de caridade locais, empresas sociais ou organizações do setor público dedicadas a projetos sociais; trabalhar com seus parceiros para captação de recursos; incentivar a população a participar e a contribuir para a tomada de decisão; e celebrar e compartilhar com parceiros os projetos realizados (MUSEUMS ASSOCIATION, 2013).

O museu é um espaço usado para realização de pesquisas, investigações e estudos desde a Antiguidade, quando eram vinculados às bibliotecas e é através da função educativa que ele é capaz de promover mudanças sociais. Para isso, o museu deve deixar de ser visto apenas como local de coleta e acumulação de peças bonitas e raras e passar a servir como meio de investigação e documentação histórica, sendo os objetos valorizados pelo que podem revelar (BEMVENUTI, 2004). Além disso, o desenvolvimento de ações culturais e educativas junto às escolas é capaz de criar uma relação de simpatia e afetividade entre o público e o museu, além de levar esses visitantes a estabelecerem uma postura de reconhecimento e preservação do patrimônio (ALMEIDA, 1997).

Logo, se fazem necessárias algumas rupturas no modo tradicional como o museu se relaciona com a sociedade, como abandonar o isolamento em relação a escolas, bibliotecas ou associações locais, com as quais importa estabelecer parcerias tendo em mente o interesse das populações. A instituição deve deixar de ser uma organização centrada nas coleções para passar a focar em temáticas e histórias que façam sentido para a população (MAIRESSE, 2010 apud DUARTE, 2013).

Segundo Carvalho (2012), para a potencialização do papel educativo, é fundamental a criação de serviços educativos como visitas guiadas de grupos escolares e outros públicos, ações de formação, ateliers de atividades lúdicas e pedagógicas e criação de espaços museológicos cada vez mais diversificados, além de inclusão de serviços de biblioteca, mediateca e internet para contribuir para o conhecimento e participação da sociedade nas tarefas de salvaguarda e valorização do patrimônio.

Portanto, se antes o museu era apenas visto como um depósito de objetos, hoje novas funções são associadas a ele, passando a adquirir potencial para fomentar o desenvolvimento local, seja economicamente através da promoção do turismo e ou urbanisticamente, como equipamento urbano que proporciona a qualificação da cidade.

No âmbito do desenvolvimento humano, ao museu são atribuídas qualidades capazes de minimizar a desigualdade social através da sua relação com a comunidade. Isso é possível através de ações que estimulem a autoestima da população, promovam uma maior afetividade e identificação com o patrimônio material e imaterial do local e com uma atuação educacional capaz de passar para as novas gerações a importância e a influência da história no presente.

Para isso, se faz necessária a revisão da museologia tradicional, através das características apresentadas pela “Nova Museologia”, que vê no museu a função de representar de forma permanente a comunidade em que está inserido. Duarte (2013) quando aborda temas de inovação da museologia, cita as palavras de G. H. Rivière: “o sucesso de um museu não se mede pelo número de visitantes que recebe, mas pelo número de visitantes aos quais ensinou alguma coisa”.

2.2 MUSEOLOGIA TRADICIONAL E NOVA MUSEOLOGIA

Durante muitos anos o Conselho Internacional de Museus (ICOM) realizou conferências onde foram expostas as inquietações em relação à museologia tradicional, uma vez que, sua relação com a sociedade já não se dava mais de uma forma eficiente. Por ser praticada dentro de um edifício e se basear em uma coleção, a museologia possuía função exclusivamente educadora e formal (PRIMO, 1999), atuava apenas no campo de produção de conhecimento e somente com a perspectiva do profissional ou curador da exposição (TOJAL, 2007).

As funções do museu se relacionavam diretamente ao recolhimento, classificação e preservação do patrimônio e sua exposição (RIBEIRO, 1993). Sua ação era limitada, elitista e excludente já que se esquecia de privilegiar os aspectos sociais (SANTOS, 2002).

Na busca por ampliar a participação da museologia no exercício da cidadania e englobar a cultura de massa, nas conferências realizadas pelo ICOM surgiu o movimento da Nova Museologia. Profissionais de diferentes países identificaram o museu como um espaço de interação de grupos sociais, local de participação comunitária e que tem como objetivo principal utilizar o patrimônio cultural como instrumento para o desenvolvimento social, sem deixar de aplicar ações de pesquisa e preservação (SANTOS, 2002).

Muda-se então o protagonista do museu, já que coleções vão para um plano secundário e a pessoa assume o papel principal (RIBEIRO, 1993). O museu passa a ser valorizado não só pelo seu patrimônio edificado e suas coleções, mas também, pela sua representatividade perante a comunidade na qual se insere (PRIMO, 1999). Com a ampliação dos conceitos, surgem novas categorias de museu, como o museu integral e o ecomuseu. Essas tipologias já não estão mais fechadas dentro de um edifício e realizam as ações em um território junto com participação de uma população (SANTOS, 2002).

A essência do museu integral é o desenvolvimento comunitário, através de uma perspectiva pedagógica transformadora com o objetivo de aumentar a consciência e a capacidade de iniciativa da comunidade a partir do estudo da realidade vivida e da percepção que se tem dela (SANTOS, 2002).

Já os ecomuseus buscam criar salas de exposições atrativas e dinâmicas, relacionando o homem com a natureza, onde os visitantes aprendam “*in loco*” o que

o museu lhes ensinou (PESSOA, 2001 apud CARVALHO, 2012). Logo, o conceito de ecomuseu:

[...] está marcado pelas iniciativas em favor do desenvolvimento sustentável e em harmonia com o ambiente, tem, portanto, uma orientação ecológica. O ecomuseu trata de interpretar o patrimônio natural e cultural de uma micro-região no seu conjunto e no seu processo de mudança. Também, o ecomuseu é pensado como um instrumento para a participação popular e o ordenamento do território, sempre através da tomada de consciência da população. Neste sentido, o ecomuseu é um espelho no qual a população local descobre e cria a sua própria imagem (PEREIRO, 2002).

Também faz parte da definição de ecomuseu a criação de antenas espalhadas pelo território da cidade, descentralizando o museu através de diversos locais com exposição (DUARTE, 2013).

Segundo Santos (2002) os princípios básicos que norteiam as ações da “Nova Museologia” podem ser resumidos nos seguintes pontos:

- reconhecimento das identidades e das culturas de todos os grupos humanos;
- utilização da memória coletiva como um referencial básico para o entendimento e a transformação da realidade;
- incentivo à apropriação e a reapropriação do patrimônio, para que a identidade seja vivida, na pluralidade e na ruptura;
- desenvolvimento de ações museológicas, considerando como ponto de partida a prática social e não as coleções;
- socialização da função de preservação;
- interpretação da relação entre o homem e o seu meio ambiente e da influência da herança cultural e natural na identidade dos indivíduos e dos grupos sociais;
- ação comunicativa dos técnicos e dos grupos comunitários, objetivando o entendimento, a transformação e o desenvolvimento social.

Dentre as inovações que se apresentam está a busca por uma maior interatividade e participação do público na exposição (TOJAL, 2007) e a abertura do museu ao exterior, seja pelo desenvolvimento de ações fora de seu edifício ou pelo envolvimento da comunidade dentro ou fora de suas instalações (DUARTE, 2013).

Isso reforça a percepção do museu como instrumento educativo, capaz de contribuir para a conscientização dos cidadãos e que exerce sua função social.

Tendo em vista que as ideias da Nova Museologia não têm sido aplicadas nos museus atuais, Ribeiro (1993) expõe que não é necessário construir novas estruturas. Esses conceitos podem ser aplicados em museus existentes através da revisão dos programas, da reformulação de espaços, da reestruturação das coleções e da integração de novas funções mais compatíveis com os desafios da sociedade contemporânea.

Logo, a Museologia Contemporânea deve se apropriar do caráter contestador, criativo, transformador do movimento da Nova Museologia, para tornar possível a execução de processos museais mais ajustados às necessidades dos cidadãos, em diferentes contextos, por meio da participação, visando ao desenvolvimento social (SANTOS, 2002).

A proposta do novo Museu Histórico de Nova Hartz pretende se apropriar desses conceitos, através de um projeto que promova a integração da instituição com a comunidade, contribua com a preservação da história e crie um espaço de reflexão sobre a realidade da cidade, a exemplos do museu integral. Também, o reconhecimento da memória coletiva, do entendimento do patrimônio histórico e natural como elementos formadores da identidade local, e passíveis de ações de preservação e da realização de ações sociais presentes nos ecomuseus são essenciais para a criação de um espaço com maior vínculo com a comunidade.

2.3 MUSEU, ARQUITETURA E EXPOGRAFIA

A transformação pela qual o museu tem passado, ao deixar de ser um lugar de conservação e contemplação estética para se tornar um espaço de ativa participação cultural e social, deve ser acompanhada da evolução dos espaços físicos e de sua relação com o local em que está inserido. Isso se dá através do projeto arquitetônico, da implantação na cidade e da qualidade de suas exposições.

Nesse sentido, a museografia passa a ser um elemento significativo, pois se envolve desde a construção do edifício e todos os problemas técnicos de instalação, até a exposição e a conservação do acervo. Enquanto a museologia analisa, opera dados e reflete sobre os fenômenos museográficos, a museografia estabelece a conexão entre o público, o conteúdo e o museu (BRITTO, 2008).

Logo, na criação dos espaços para museus, a arquitetura e a museologia são indissociáveis (MARTINS, 2013). O projeto arquitetônico tem importância na formação da imagem do museu e representa o edifício em que a museologia vai atuar, promovendo a relação entre conhecimento e sociedade. Para isso, é importante que a instituição tenha caráter público e seja aberta a todos com atributos de espaço de convivência social (VALENTE, 1995 apud MARTINS, 2013).

O museu pode acontecer em qualquer espaço, em todas as sociedades, possuir categorias mais variadas, além de apresentar liberdade formal em sua composição arquitetônica (MARTINS, 2013). É um dos espaços que mais tem se transformado na arquitetura, pois a liberdade formal permite ao arquiteto ultrapassar o funcionalismo, propor volumes impensáveis e criar cenários com rampas, mirantes e visões teatrais da própria obra e de seu entorno (NEIVA, 2013).

Montaner (1995) classifica os museus contemporâneos de acordo com oito tipologias: o (1) museu como “organismo extraordinário”, onde o projeto arquitetônico se configura como um organismo singular, espetacular e radical; o (2) museu como “evolução da caixa”, que adota formas mais puras, transparências e com foco nas circulações e nas plantas livres e flexíveis; o (3) museu como “objeto minimalista”, que utiliza o mínimo de formas, estabelecendo relação entre a arquitetura e a necessidade dos espaços expositivos; o (4) “museu-museu”, que prioriza as obras, se resolve a partir do interior e revitaliza espaços antes destinados a outros fins; o (5) “museu que se volta para si mesmo”, que é mais introspectivo, voltado para o interior e para o seu acervo; o (6) “museu colagem”, que é um equipamento urbano fragmentado, onde cada forma abriga uma função diferente; o (7) “antimuseu”, que requalifica espaços antes destinados a outro fim através de intervenções urbanas e obras efêmeras; e o (8) museu com “formas da desmaterialização”, onde a instituição não se apresenta como museu e aborda os patrimônios imateriais, com uso de luz, transparência e tecnologia.

O Museu Histórico de Nova Hartz deve buscar a criação de um marco para a cidade, capaz de articular a arquitetura com os espaços expositivos tecnológicos e atrativos, considerando os patrimônios materiais e imateriais do município e a sua relação física com o entorno. Para isso se aplicam os conceitos de Montaner de museu como “organismo extraordinário”, na busca pela singularidade, como “objeto

minimalista” na relação direta com o acervo e com os espaços expositivos e como “forma de desmaterialização”, ao abordar o patrimônio em sua amplitude.

A maioria dos museus do Brasil tem como base a arquitetura representativa de edifícios históricos, sendo o patrimônio edificado mais um elemento que se relaciona com a arquitetura e a museologia (MARTINS, 2013). Entre as características arquitetônicas presentes em quase todos os museus estão o predomínio das grandes circulações internas e a preocupação com a inserção urbana (KIEFER, 2000).

Quando situados em área urbana, o museu apresenta condições favoráveis para o desenvolvimento das funções educativas e sociais de forma mais ativa, por estar em contato direto com seu público-alvo. Porém, os visitantes tendem a valorizar os museus que estão mais distantes da aglomeração urbana, pois não o identificam como seu entorno. Já para Leon (1986 apud BRITTO, 2008), a escolha do local de implantação deve considerar, não só a densidade urbana, mas também, a amplitude espacial que permita certo isolamento e que considere mais as qualidades da arquitetura e menos a relação física com o entorno.

A proposta do Novo Museu Histórico de Nova Hartz será inserida dentro do centro urbano da cidade, para reforçar o potencial do local como promotor de educação e cultura. Logo, além das características arquitetônicas, é fundamental que se estabeleçam as relações físicas com o entorno, considerando não somente o entorno imediato em sua morfologia, mas também as características da arquitetura do local. Deve ser considerada a produção arquitetônica contemporânea, fundamental como ponto de atração e interesse dos visitantes, mas também a arquitetura produzida pelos imigrantes alemães quando chegaram à cidade e que aprecia os materiais e as características do local em que se inserem.

O projeto de Renzo Piano e Richard Rogers para o Centro Georges Pompidou na França é um exemplo que apresenta uma articulação entre o edifício e o seu entorno e entre espaços internos e externos, favorecido pela sua técnica construtiva que permite certa transparência da fachada ao mesmo tempo em que o prédio encontra-se resguardado por uma praça. O espaço externo do terreno é visto como um local democrático, que estimula a apropriação e integra o edifício à cidade (NEIVA, 2013).

Como condicionante para sua fisionomia externa, o museu precisa considerar a vida urbana que o rodeia, conhecendo as peculiaridades da zona urbana para poder atuar em concordância com a população local (BRITTO, 2008). Outro ponto importante é o programa de necessidades que vem se transformando ao longo dos séculos, passando a reproduzir a vida urbana através de cafés, lojas e jardins, bem como na incorporação de funções educativas. O interesse do público pelos museus é um dos fatores que implica na multiplicação dos serviços a serem prestados pelas instituições (NEIVA, 2013).

Já a arquitetura do interior do museu se relaciona diretamente com os projetos arquitetônicos e expográficos. Assim, é preciso identificar tipologia da exposição (artística, histórica, temática) e quais as estratégias e proposições expositivas, considerando questões socioculturais, simbólicas e comunicacionais (SABINO, 2010), além de considerar o acervo existente e características específicas do seu público-alvo.

Uma tendência do século XXI são os museus interativos que utilizam recursos tecnológicos para transmitir o conteúdo de forma participativa, democrática e mais atrativa ao público. Diferente do museu tradicional ocorre uma redução na quantidade de acervo e uma maior aproximação entre observador e objeto. Tem-se como objetivo gerar um maior impacto visual já que espaços lúdicos reduzem a percepção quantitativa da informação e ilustram a mensagem através da experiência e de conexões emocionais (ISRAEL, 2011).

2.4 O MUNICÍPIO DE NOVA HARTZ

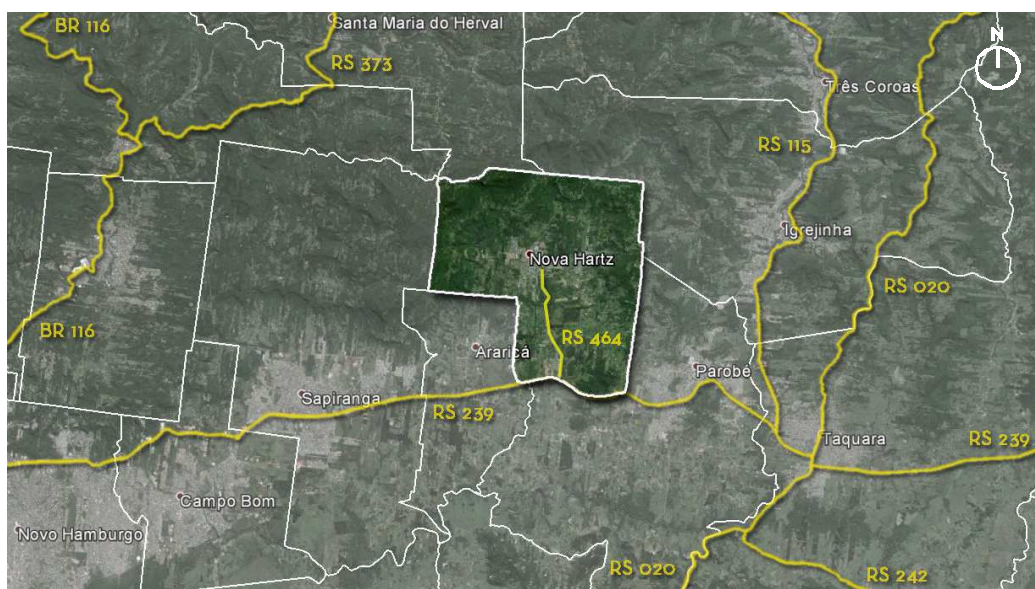
Uma vez que a proposta de museu para Nova Hartz tem caráter histórico com bens culturais que ilustram acontecimentos e períodos da História, é fundamental identificar qual a natureza dos elementos que compõem seu o acervo, qual a história que se pretende contar, bem como, quais são as características atuais da cidade.

O município de Nova Hartz está localizado na microrregião Vale do Rio dos Sinos, na porção leste do estado do Rio Grande do Sul, tendo ao norte a Serra Geral (OLIVEIRA, 2009). Essa microrregião é formada também pelos municípios de: Araricá, Campo Bom, Dois Irmãos, Estância Velha, Ivoti, Lindolfo Collor, Morro Reuter, Novo Hamburgo, São Leopoldo, Sapiranga e Sapucaia do Sul. Segundo o Plano de Desenvolvimento de turismo do Rio Grande do sul, ela:

[...] é conhecida como um dos maiores polos calçadistas do país e também como berço da imigração alemã no Brasil. Os museus e edificações históricas retratam a colonização alemã e representam os atrativos turísticos que mais se destacam na microrregião. A presença de parques e áreas naturais favorece a prática de atividades em meio à natureza, com destaque para o turismo ecológico, em áreas rurais e de aventura (FGV, 2012).

A "Nascente do Vale", como é conhecida, Nova Hartz possui área territorial de 63 km² e está situada em meio a uma natureza exuberante, em um cenário formado por morros, cascatas, matas e uma planície onde se localiza a zona urbana (NOVA HARTZ, 2014b). Faz parte da região metropolitana de Porto Alegre (Figura 1) e fica a 70 quilômetros da capital e a 62 quilômetros da cidade serrana de Gramado. O acesso ao município se dá pela rodovia RS 239 que se liga a sede através da RS 464.

Figura 1– Localização de Nova Hartz e municípios vizinhos



Fonte: Adaptado de GOOGLE EARTH (2013)

O nascimento da cidade se deu através de três momentos. Inicialmente houve ocupação indígena registrada através de objetos arqueológicos (OLIVEIRA, 2009), depois, por volta de 1947, chegaram os imigrantes alemães no estado e se iniciou a ocupação na área do município e mais recentemente, a cidade recebeu pessoas de origens diversas atraídas pela oferta de emprego das indústrias de calçado que constituem a principal economia do local (NOVA HARTZ, 2014b).

O primeiro momento de nascimento de Nova Hartz é registrado no acervo do Museu Histórico através de vestígios de materiais cerâmicos e pontas de flechas encontradas por agricultores em suas propriedades. As primeiras pesquisas arqueológicas iniciaram em 2005 pelos arqueólogos Fulvio Arnt e Marcos Vinicius Beber, da UNISINOS, em parceria com a Secretaria de Estado da Cultura através do Museu Antropológico do Rio Grande do Sul (LEITE, 2012). Um grupo de pesquisa percorreu estradas, vias, cursos d'água e locais potencialmente férteis de material, quando foi feito um mapeamento de mais de dez sítios arqueológicos no município.

Estes vestígios indicam a presença de grupos indígenas no território da cidade, denominados de “caçadores-coletores” conhecidos como cultura Umbu e de “cultivadores” de cultura Guarani (OLIVEIRA, 2009). Além disso, segundo Oliveira (2009), é possível construir a hipótese da presença Kaingang na região através de objetos encontrados às margens do arroio da Bica e que eram utilizados para cortar madeira, preparar roça, esmagar frutos e moer grãos.

Segundo Leite (2012), apesar da suspensão das pesquisas em 2008, há intenção de retomada dos trabalhos no município, que inclui ações junto ao cemitério da Picada Velha para preservação das sepulturas, tornando-a uma necrópole que servirá para estudos das evidências ali contidas, além de outros resgates arqueológicos. Estes podem servir para trabalhos de campo e estudos junto às escolas e se estender a ações sociais de resgate da cidadania, contribuindo para o estudo da ocupação pré-histórica na região.

O segundo momento se iniciou com a chegada dos primeiros imigrantes alemães no Rio Grande do Sul. A família Hartz desembarcou em 1826 na antiga colônia de São Leopoldo, vindos de Wahlheim/Alzey/Hessen na Alemanha, no transatlântico “*Der Kranich*”. Entre eles Wilhelm (Guilherme) Hartz, sua esposa Judita (Juditte) Bore (Boherer) e os filhos Jakob (Jacó), com 17 anos, Konrad (Conrado), com 14 anos, Johann Philipp (João Felipe), com 12 anos e Wilhelm (Guilherme), com 6 anos. Inicialmente eles se estabeleceram em Hamburgo Velho (SILVA, 2012).

Em 1846, Tristão Monteiro começou a vender lotes de suas terras que ficavam à esquerda do Arroio Grande, que corta município de Nova Hartz no sentido norte/sul (SILVA, 2012). Três dos irmãos Hartz adquiriram lotes ali e iniciaram o povoamento.

Conforme Oliveira (2009), ao mesmo tempo, à direita do arroio Grande, a Fazenda do Padre Eterno, de propriedade de Johann Peter Schmidt e seu sócio Kraemer também fora dividida em lotes para a venda, recebendo o nome de Colônia da Bica. Estes foram adquiridos pela família Haag, uma das pioneiras na ocupação desta localidade, posteriormente chamada de Arroio da Bica. Assim, Picada Hartz se desenvolveu durante seus primeiros 50 anos através desses dois núcleos populacionais separados administrativamente e geograficamente pelo Arroio Grande (LEITE, 2012).

Essas famílias adentraram nas matas em busca de terras férteis para cultivar e iniciaram a ocupação de área que hoje pertence à Nova Hartz. O caminho aberto na mata era chamado "picada" e uma das primeiras famílias alemãs que chegou ao local foi a família Hartz. Desta junção surgiu o primeiro nome da cidade: Picada Hartz. Inicialmente, a origem étnica da comunidade de Picada Hartz era essencialmente alemã, chegando a 98% da população (IBGE, 2014).

No local, antes da indústria calçadista assumir papel de destaque na economia, a produção de farinha de mandioca era a principal atividade econômica (OLIVEIRA, 2009). Alguns produziam e comercializavam a farinha e a raspa de mandioca e tinham seus equipamentos movidos à tração animal (atafonas) ou movidos à roda d'água (moinho). A agricultura familiar predominava e alguns colonos trabalhavam também como ferreiros, funileiros, oleiros, sapateiros, marceneiros, alfaiates, costureiras e comerciantes (OLIVEIRA, 2009).

As atafonas aparecem como um elemento importante de desenvolvimento econômico e social do local, pois segundo levantamento do Museu Histórico, conforme relatos de antigos moradores, existem mais de 40 delas na área do município. Tal atividade foi praticada no município há mais de 120 anos, segundo recibo de venda de farinha datado de 1886, que é acervo do Museu Histórico (PRIAMO, 2013).

Outro fator que contribuiu para o desenvolvimento econômico da cidade foi a chegada da linha de trem. Esta ferrovia tinha como função o escoamento da produção agrícola ligando a capital gaúcha com as colônias alemãs (DAROS, 2012). A estação de Picada Hartz situava-se na localidade de Campo Vicente e surgiu com a expansão da linha férrea entre os municípios de Novo Hamburgo e Taquara inaugurada em agosto de 1903 (MOEHLECKE, 2004 apud PRIAMO, 2012). Junto à

estação, que já não existe mais, instalaram-se bancos, agências de correio, farmácias, matadouros, salão de bailes, entre outros. A linha foi desativada em 1982 quando houve um período de estagnação e regressão econômica (PRIAMO, 2012).

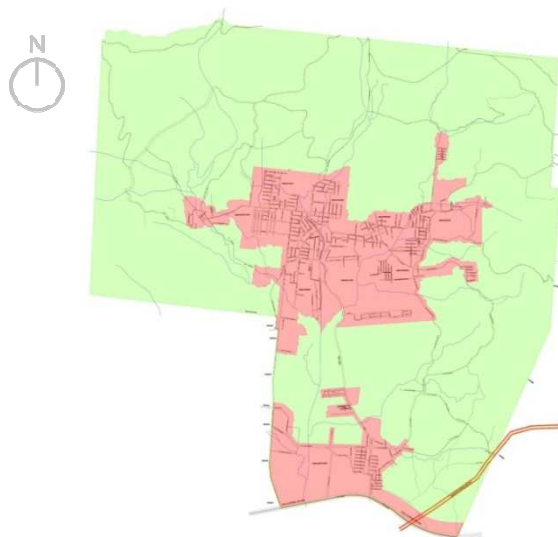
O terceiro momento se inicia em meados do século XX quando, devido a fatores econômicos, ambientais e fundiários, a fabricação e a comercialização de farinha de mandioca deixaram de ser lucrativas e as atafonas fecharam. Com auxílio financeiro da própria comunidade, é fundada em 1954 a primeira fábrica de calçados de Picada Hartz, a Haag & Schonardie e Cia, dando início à implantação de muitas outras indústrias calçadistas. Entre elas, surgem duas importantes empresas nacionais: Calçados Ramarim, fundada em 1962 e Calçados Via Marte, fundada em 1977 (OLIVEIRA, 2009).

O desenvolvimento econômico junto com o crescimento populacional permitiu a emancipação política em 1987, através da Lei Estadual nº 8.429 de 02 de dezembro do mesmo ano. O território ficou constituído a partir da união do distrito de Sapiranga denominado Picada Hartz com o distrito de Parobé, denominado Campo Vicente (OLIVEIRA, 2009).

Esse processo iniciou em 1985 quando foi criada a Comissão Emancipacionista que, dentre outras atribuições, escolheu através de consulta à população e votação o nome de Nova Hartz para a cidade. Em 20 de setembro de 1987 foi realizado um plebiscito que teve resultado positivo em relação à criação do município (SILVA, 2012).

Hoje Nova Hartz é dividida administrativamente em 10 bairros: Arroio da Bica, Bairro das Rosas, Bela vista, Campo Vicente, Centro, Imigrante, Liberdade, Primavera, Progresso, Vila Nova, além da Zona Rural (Figura 2). O Censo do IBGE (2010) indica a população de 18.346 habitantes, sendo 83,23% moradores da zona urbana e 16,77% da rural, em uma densidade demográfica de 292,09 hab/km². A previsão para 2014 é de 19.834 habitantes.

Figura 2 – Zonas urbanas (em vermelho) e rurais (em verde) de Nova Hartz



Fonte: Adaptado de NOVA HARTZ (2011)

Conforme já mencionado, a economia da cidade, que nasceu na agricultura familiar, tem como base a indústria calçadista (NOVA HARTZ, 2014b). Segundo o Atlas de Desenvolvimento Humano do Brasil (2013) em 2010, dos trabalhadores na faixa etária de 18 anos ou mais 55,20% trabalhavam na indústria de transformação, 16,18% no setor de serviços, 7,24% no comércio, 4,12% no setor agropecuário, 3,58% no setor de construção e 0,44% nos setores de utilidade pública (ATLAS BRASIL, 2014).

A paisagem natural é um dos principais componentes da identidade de Nova Hartz. De forma a preservá-la e valorizá-la, parte da área central da cidade é classificada, segundo o Plano Diretor de Desenvolvimento Territorial e Ambiental (PDDTA) municipal, Lei Nº 1450 de 2012, como Zona de Preservação das Visuais da Paisagem Natural – ZPPN que busca contribuir com o desenvolvimento das atividades turísticas através do controle sobre alturas das edificações e da densidade populacional.

O relevo do município é o grande responsável por proporcionar as belezas naturais, que incluem morros, cascatas e vistas panorâmicas. Existe um grande platô onde se encontra a sede do município, na qual se estabeleceram os primeiros imigrantes. Ele é cercado por uma ferradura de grandes elevações nas quais existem grandes porções de mata preservada e onde se originam as nascentes dos

arrosios da Bica, arroio Tigre e arroio Fuzil, que drenam suas águas para o arroio Grande (OLIVEIRA, 2009).

Para desenvolver o turismo, a Prefeitura Municipal comprou uma área de dezessete hectares para a criação do Parque Natural Municipal da Cascata, onde se insere a Cascata do Morro Canudos. Pretende-se desenvolver nela atividades de educação ambiental, de lazer, recreação e turismo de aventura (OLIVEIRA, 2009). Logo, é no turismo rural, ecológico, cultural e de aventura que a prefeitura busca investir, aproveitando belezas naturais através de passeios por áreas serranas e por propriedades típicas alemãs (NOVA HARTZ, 2014b).

Atualmente, o principal instrumento que promove o turismo é o Roteiro Cultural Roda D'água, que leva moradores e turistas a conhecerem o patrimônio histórico, cultural e ambiental local (NOVA HARTZ, 2014b). Ele se inicia junto ao Arroio Grande e ao Museu Histórico de Nova Hartz, passando por locais como a sede da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB) da cidade, construída no ano de 1914; a Casa Enxaimel da Família Mass, primeira casa restaurada do município que no século XX abrigava uma serraria movida a roda d'água; a cascata Morro Canudos com uma queda de 104 metros que é um dos principais cartões postais de Nova Hartz; a casa centenária rural de Paulo Schonorr que possui trilhas ecológicas e onde é oferecido um lanche colonial; e a casa dos Hartz considerada a primeira casa da cidade que foi inventariada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Estadual (IPHAE). No roteiro são conhecidas ainda indústrias calçadistas, o Hotel e Spa Visconti D'Itália, a Igreja Nossa Senhora Desatadora dos Nós e a Sociedade Ginástica (KOLONIE HARTZ FEST, 2014).

É importante destacar que o valor simbólico adquirido com a venda de ingressos do roteiro é repassado para os proprietários dos locais visitados (PRIAMO, 2013) como forma de estimular a preservação dos imóveis.

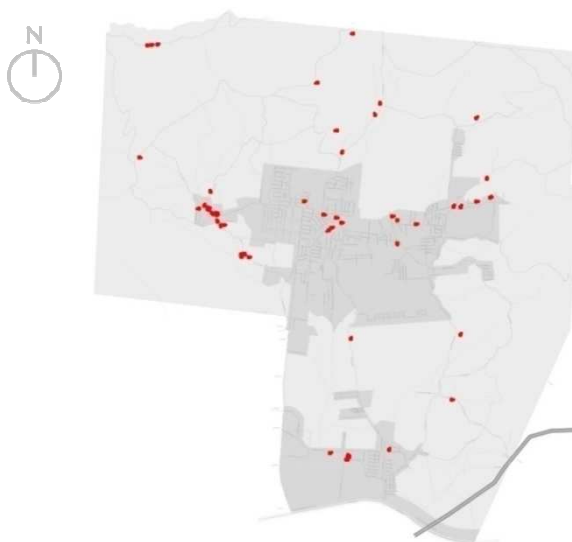
O roteiro ocorre durante a Kolonie Hartz Fest, festa tradicional do município que ocorre desde 2002. Em 2014 foi realizada sua 13ª edição atraindo 12 mil visitantes. É promovida pela Administração Municipal e pela Associação Cultural de Nova Hartz. A festa é uma forma de promover e preservar os costumes e valores dos imigrantes do município através de uma programação bem diversificada, marcada por elementos tradicionais da história da formação da cidade, como as bandas típicas alemãs, a gastronomia e a dança (KOLONIE HARTZ FEST, 2014).

Completam a festa shows nacionais, rústica, Moto Trilha, Kolonie Infantil, desfile em homenagem aos colonizadores da cidade, Feira da Indústria e Comércio, Encontro da Melhor Idade, Noite Gospel, Culto Ecumênico, Encontro de Corais, Concurso de Vitrines, Jogos Germânicos e Kolonie APAE Fest, com encontro das APAEs de Nova Hartz e Região (KOLONIE HARTZ FEST, 2014).

Segundo a Prefeitura Municipal de Nova Hartz (2014), outras atrações turísticas da cidade são o encontro de motos Moto Hartz e a festa de aniversário do Município que ocorre no dia 02 de dezembro junto com a Feira do Livro.

Como o patrimônio material do município é o principal elemento que compõe o seu cenário turístico, a Prefeitura Municipal, através da mais recente versão do Plano Diretor traz em seu Anexo II o Inventário do Patrimônio Cultural de Nova Hartz (Figura 3). O documento apresenta 47 imóveis de interesse histórico inventariados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado do Rio Grande do Sul (IPHAE) (Figura 3), sendo 37 imóveis residenciais, duas igrejas e um cemitério. Grande parte deles está localizada no bairro Arroio da Bica, onde se mantêm preservados pela baixa especulação imobiliária. Dos 5 imóveis localizados no centro, 2 deles foram demolidos nos últimos 10 anos, principalmente pela pressão imobiliária da região (PRIAMO, 2013). Há ainda grande concentração de imóveis de interesse histórico na zona rural da cidade.

Figura 3 - Localização do patrimônio histórico e cultura de Nova Hartz



Fonte: Adaptado de NOVA HARTZ (2011)

2.5 MUSEU HISTÓRICO DE NOVA HARTZ

O Museu Histórico de Nova Hartz foi criado com o objetivo de garantir a preservação da cultura local. Ele foi inaugurado no dia 13 de dezembro de 1999, é uma instituição pública mantida pela Prefeitura Municipal e foi fundado através da iniciativa da professora Vania Inês Avila Priamo. Sua intenção foi propor um espaço onde houvesse material didático que servisse como fonte de pesquisa para o ensino da história do município dentro da sala de aula (GROFF, 2012).

Desde a criação ele ocupa a casa que pertenceu ao comerciante Guilherme Albino Muller, datada de 1940 e situada na Rua Emilio Jost53, no Centro de Nova Hartz. Inicialmente utilizava somente uma das salas do local e o processo de coleta de acervo se iniciou junto a moradores antigos, com documentação dos objetos doados e organização das exposições. Com o tempo passou a receber visitantes da comunidade e a contar com um funcionário para auxiliar na higienização, um auxiliar para serviços administrativos e para atendimento ao público, e uma professora para desenvolver o trabalho pedagógico voltado à educação patrimonial (GROFF, 2012).

Tendo como tema a colonização alemã, o acervo é formado por utensílios domésticos e agrícolas, instrumentos musicais, objetos de escolas e igrejas, vestimentas, fotografias e documentos. Em uma das salas reproduz uma cozinha e um quarto semelhante aos das antigas casas alemãs, e em outra mostra a evolução da economia do município desde o início da produção agrícola até o desenvolvimento industrial. Conta ainda com uma sala de exposições temporárias¹.

O Museu desenvolve um trabalho pedagógico junto a turmas de alunos, tem um projeto de documentação de histórias orais junto a moradores antigos, organiza seminários de Preservação do Patrimônio Histórico, além de organizar saraus literários, exposições temáticas e outros eventos. Conta com a colaboração da Associação de Amigos do Museu (GROFF, 2012).

Conforme Groff (2012), ao longo dos anos o Museu realizou diversas atividades como: exposições itinerantes (“Educação e Educadores: Breve História da Educação em Nova Hartz” em 2002 e “Faça-se a luz: Nova Hartz antes da energia elétrica” em 2003, por exemplo); o projeto de Educação Patrimonial para professores em 2004; a criação do Projeto Cultural Roda D’Água que culminou no restauro da

¹ Outras informações sobre o espaço físico do Museu Histórico de Nova Hartz são apresentadas no Estudo de Caso desenvolvido no local (Capítulo 3.2.2).

Padaria Sabor da Bica com auxílio da UFRS; a criação do Roteiro Experimental Roda D'Água; o início dos trabalhos de arqueologia no município; o registro de lembranças dos moradores a cerca do trem; a promoção de gincana com participação das escolas municipais em 2009; e participação na criação da lei de tombamento do Patrimônio Cultural de Nova Hartz junto com a Secretaria de Planejamento Urbano em 2011 entre inúmeras outras.

O projeto de Educação Patrimonial “Você é feito de histórias” se apresenta como um dos mais importantes do Museu, uma vez que ele promove a função educacional do museu e estende esse aprendizado para além de sua sede. Nessa ação os alunos e professores contam com o acompanhamento do Museu durante o ano todo através de aulas, oficinas, bate-papos com moradores dentro da sala de aula, visitação a pessoas da comunidade, além de pesquisas, passeios e contato com o acervo.

Em 2008 foram 330 alunos e em 2009 350 alunos envolvidos no projeto de Educação Patrimonial. Eles tiveram a oportunidade de questionar, observar e discutir a importância da sociedade passada e sua relação com a atual. Fora do museu, conheceram seu bairro, visitaram, igrejas, cemitérios, atafonas, casas de comércio, residências, além do ambiente natural e do próprio museu (Figura 4 e Figura 5) (PRIAMO, 2013).

Figura 4 – Turma de alunos participando de atividades do Museu Histórico



Fonte: NOVA HARTZ (2014a)

Figura 5 – Grupos de alunos visitando exposição do Museu Histórico



Fonte: NOVA HARTZ (2014a)

A abordagem dos todos os aspectos culturais do município se faz importante, pois a festa, a culinária, a religião e a música são patrimônios imateriais a serem preservados. São pontos de destaque do projeto a produção de “spritzbier”, bebida caseira a base de limão, gengibre e açúcar consumida pelos descendentes dos

imigrantes alemães e realização de visitas para conhecer o processo de produção da farinha de mandioca nas atafonas.

Segundo Priamo (2013), outra ação foi o Projeto Educação Patrimonial para o Turismo, que além de apresentar a história da cidade aos alunos, ensina-os a comunicar isso a outras pessoas. Já são mais de 150 alunos envolvidos e que atuam como promotores da história da cidade. Logo, o principal público do museu atualmente são as escolas municipais que visitam e participam de oficinas (Figura 6 e a Figura 7).

Figura 6 – Oficinas com alunos realizadas no Museu Histórico



Fonte: NOVA HARTZ (2014a)

Figura 7 – Grupo de alunos participando de atividades na praça junto ao Museu Histórico



Fonte: NOVA HARTZ (2014a)

3 MÉTODO DE PESQUISA

Esta pesquisa se apoia principalmente em referências bibliográficas que abordam conceitos relacionados a museus, sua função social, educacional, econômica e turística, seus espaços físicos e seu potencial como promotor da valorização e preservação do patrimônio histórico, cultural e natural. Foi feita ainda uma revisão das características da museologia tradicional, da nova museologia e dos espaços museográficos. Apresentou-se o município de Nova Hartz e seu histórico, que é o objeto de estudo do Museu Histórico, bem como, a forma que a instituição se relaciona com ele através de suas ações educativas.

Foram realizadas pesquisas de campo para coletar informações acerca do Museu Histórico de Nova Hartz que possam ser interpretadas e traduzidas em um projeto arquitetônico de maior qualidade. Entrevistou-se a atual diretora do Museu, Vânia Inês Avila Priamo para coletar informações sobre o funcionamento do local e realizado um estudo de caso no Museu, buscando compreender aspectos relacionados ao seu funcionamento e conhecer as suas características e de seu acervo. Foi aplicado também, um questionário online com perguntas abertas e fechadas com moradores de Nova Hartz para compreender a forma que a comunidade interpreta a ação do museu e o patrimônio cultural da cidade.

O conjunto de informações coletadas serviu para a definição da área de intervenção e permitiram a elaboração da proposta de projeto pretendido.

3.1 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A revisão bibliográfica foi realizada durante todo o desenvolvimento do presente trabalho e aconteceu através de levantamento de fontes teóricas com consulta em artigos acadêmicos, bibliografias, normas e sites especializados. Foi feita uma seleção de obras que abordavam os temas de interesse à presente pesquisa. Essa consulta serviu de suporte para o embasamento teórico e objetivou entender as relações do museu com a cidade e com a arquitetura, conhecer os conceitos da nova museologia e as diversas funções atribuídas à instituição. Também foram consultadas informações sobre o município de Nova Hartz, sobre o Museu Histórico, sobre os projetos referenciais, sobre os materiais e técnicas construtivas propostas e sobre as legislações pertinentes ao projeto. A revisão

serviu ainda como base para decisões a cerca da definição da área de intervenção e para a construção do programa de necessidades do projeto pretendido.

3.2 PESQUISA DE CAMPO

Para justificativa e embasamento da proposta do Novo Museu Histórico de Nova Hartz foram realizadas pesquisas de campos visando a coleta de dados, ampliação da quantidade informações e familiarização com o funcionamento, acervo e aspectos físicos do Museu Histórico atual. Para isso, foi realizada uma entrevista com a diretora do museu, feito um estudo de caso na atual sede do Museu Histórico e aplicado questionário com a comunidade.

3.2.1. Entrevista com a diretora do Museu Histórico de Nova Hartz

No dia 24 de setembro de 2014 foi realizada na sede do Museu Histórico de Nova Hartz, entrevista com a atual diretora da instituição e responsável pela sua criação em 1999, Vânia Inês Avila Priamo. O objetivo da entrevista foi compreender os principais aspectos do trabalho desenvolvido atualmente pelo museu, características do seu acervo e a impressão sobre o espaço físico do local².

Vânia é servidora pública da prefeitura, concursada como professora de séries iniciais, graduada em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) com Especialização em Patrimônio Cultural em Centros Urbanos pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Mestrado em História pela UNISINOS.

Ao ser questionada sobre as principais atividades desenvolvidas hoje pelo museu, Vânia citou: as exposições permanentes; as exposições temporárias temáticas vinculadas a atividades junto de alunos; o Projeto de Educação Patrimonial “Você é feito de histórias” realizado com turmas de 4º ano das escolas municipais e que conta com ações educativas e saídas de campo; e o ciclo de palestras “190 Anos da Imigração Alemã no Brasil: Experiências e Releituras”. Como atividades permanentes estão as ações de preservação do patrimônio imóvel de Nova Hartz, sendo a cidade uma das únicas onde isso é centralizado pelo museu.

Dentre as próximas ações previstas está a realização do “Dia do Brincar” que junto com a exposição temporária de brinquedos antigos vai propor para os alunos

² O roteiro de entrevista completo é apresentado no Apêndice A

atividades de produção de brinquedos e realização de jogos na área da praça em que o museu está inserido. Na oportunidade haverá também a presença de agricultores na Feira da Agricultura Familiar.

Sobre qual o público-alvo atual do museu, ela apontou que são atendidos principalmente os alunos de ensino fundamental de escolas municipais. São os alunos também os responsáveis por trazerem adultos e idosos ao museu fora do horário escolar. O foco da instituição abrange mais a comunidade local do que turistas vindos de outras cidades e os grupos com quem se deseja trabalhar no futuro são adolescentes, que apresentam maior resistência.

Acerca da relação da comunidade com o museu, Vânia aponta que os grupos que mais se relacionam com a instituição não são as pessoas vistas como mais cultas e de melhores condições financeiras, de quem se espera um maior interesse por cultura. Possivelmente em virtude de o acervo ter um caráter mais popular, é justamente a população de classe média e baixa que procura visitar a instituição.

Quanto ao recebimento de acervo, as famílias que possuíam objetos para doação tiveram inicialmente resistência para compartilhar os seus bens, principalmente por desconhecerem o trabalho do museu. Hoje, as pessoas procuram o museu para realizarem doações, que filtra e classifica o que fará parte do acervo.

Vânia, enquanto diretora do museu coordena os trabalhos e se envolve principalmente com as questões relacionados ao Patrimônio. Segundo ela, a atual equipe do Museu Histórico é composta por: um cargo de confiança da prefeitura, que trabalha no turno da manhã e recepciona e atende o público, além de apresentar o acervo aos visitantes; uma estagiária e acadêmica de história, que trabalha no turno da tarde e recepciona e atende público, além de organizar exposições e atender os visitantes; uma professora do Programa Municipal de Educação Cidadã (PROMEC), acadêmica de turismo e pedagogia, que atua no Programa de Educação Patrimonial atendendo turmas dentro e fora do museu, além de auxiliar na organização de exposições; e uma professora concursada, com graduação e pós-graduação em História e que atua no Programa de Educação Patrimonial atendendo turmas de alunos e é responsável por catalogar o acervo. Existe ainda uma funcionária que atua eventualmente em segundas-feiras como serviços gerais na limpeza do prédio.

Quando perguntada sobre quais profissionais que faltam na equipe, Vânia mencionou a necessidade de um museólogo para desenvolver um trabalho relacionado ao acervo, um pedagogo para as ações relacionadas junto às escolas e um arqueólogo capaz de desenvolver os trabalhos junto aos sítios arqueológicos do município.

Quando indagada sobre as características e condições do acervo do museu, Vânia identificou que ele é composto principalmente por mobiliário, documentos, fotografias e vestuários doados. A diretora destacou que se procura fazer o melhor para garantir a conservação dos itens, mas que o armazenamento ainda está longe do ideal. Documentos e fotografias são arquivados em caixas em condições razoáveis de conservação. Roupas, como vestidos de noivas que são utilizados em exposições temporárias, ficam guardadas em cabides, sendo que o ideal seriam gavetas especiais onde poderiam ficar dobradas e protegidas.

Segundo Vânia, o local possui uma reserva técnica improvisada em um banheiro desativado onde ficam objetos de metal e madeira, guardados em prateleiras. Estes objetos sofrem com umidade excessiva e alguns já foram perdidos devido às condições do local. Um desumidificador foi comprado, porém a variação de umidade provocada por seu funcionamento acaba sendo ainda mais prejudicial ao acervo.

Ao ser questionada sobre as condições físicas do museu, Vânia indicou pontos positivos e negativos. Dentre as qualidades do local está a sua localização, em um ponto central da cidade e com grande circulação de pessoas, junto de uma praça utilizada para atividades com alunos. Junto a isso, soma-se o fato de ocupar uma residência histórica, que vincula o patrimônio histórico da cidade e a “forma de morar” com o acervo do museu. Por ser um prédio público, evita-se gastos com aluguel. Quanto aos pontos mais frágeis está a falta de banheiros (atualmente só se tem um, tanto para funcionários quanto para público), espaço de reserva técnica e de local para restauro e higienização de objetos. Para realização de ações educativas seriam importantes espaços como salas de aula, biblioteca e sala para pesquisas relacionadas ao acervo. Ainda, o espaço atual é insuficiente para receber quantidade grande de visitantes, como para grupos de alunos ou para realização de outras atividades, onde poderia, por exemplo, usar harmônio (instrumento musical) na realização de recitais. Atualmente eventos maiores são realizados junto ao

auditório da Prefeitura Municipal, ficando a ação desvinculada do espaço físico do museu. O local também não conta com acessibilidade física, visual e auditiva e não possui projeto de prevenção contra incêndio.

Portanto, algumas dificuldades no desenvolvimento do trabalho do museu foram citadas, como a qualidade dos espaços físicos, a falta de um profissional de museologia, de material escrito e de desenvolvimento de pesquisas relacionados ao município, além a carência de recursos, visto que nenhum valor do orçamento municipal é destinado ao museu.

Quando questionada sobre como o museu tem influenciado e contribuído com a comunidade, Vânia indica que foi importante o início da discussão acerca do patrimônio da cidade e bem como o seu reconhecimento, visto que, antes do museu pouco se sabia e não se valorizava a importância dos elementos que narram a história de Nova Hartz. Além disso, destaca que a instituição é vista como um local que aprecia as memórias, principalmente por parte dos idosos, que recebem atenção e veem suas lembranças expostas em formas de livros ou exposições.

3.2.2. Estudo de caso: Museu Histórico de Nova Hartz/RS

Na mesma oportunidade em que foi realizada a entrevista com a Diretora do Museu Histórico de Nova Hartz, o estudo de caso foi iniciado. Foi feita uma visita no museu com o objetivo de conhecer a infraestrutura existente, bem como os principais aspectos do funcionamento do local. Em um segundo momento foi feito um levantamento dos principais itens que compõem o acervo e a distribuição espacial deles nos espaços expositivos.

A sede do museu está inserida dentro de uma praça na zona central da cidade, em um lote que conta com uma edificação utilizada pela Secretaria de Meio Ambiente, local para pontos de taxi e um espaço em que à noite é ocupado por um carro de venda de cachorro-quente (Figura 8). Possui ainda árvores de grande porte e espaços de estar.

Figura 8 – Localização do lote da atual sede do Museu Histórico de Nova Hartz



Fonte: Adaptado de GOOGLE MAPS (2013a)

A residência ocupada pelo museu é apontada como patrimônio histórico do município (Figura 9), datada de 1940 e situada no Centro de Nova Hartz, na Rua Emílio Jost, principal rua comercial da cidade.

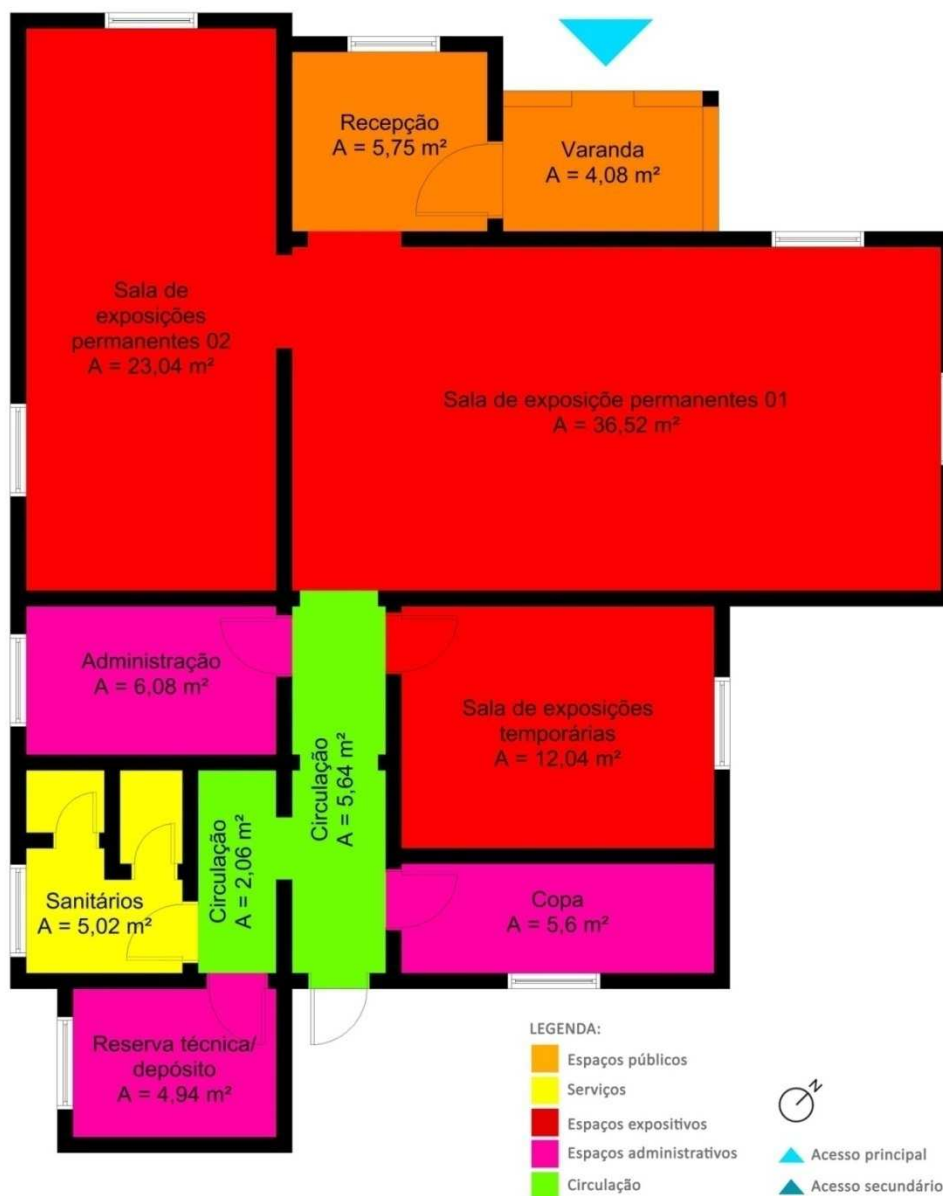
Figura 9 – Fachada da atual sede do Museu Histórico de Nova Hartz



Fonte: Autor (2014)

O museu conta com cerca de 131,00 m², distribuídos em nove ambientes (Figura 10), sendo três salas destinadas a exposições, duas delas permanentes e uma para exposições temporárias.

Figura 10 – Planta baixa esquemática do Museu Histórico de Nova Hartz



Fonte: Autor (2014)

A visita foi acompanhada pelo recepcionista do museu, que é responsável pelo atendimento do público e por apresentar o acervo. Na oportunidade outros dois visitantes estiveram conhecendo o local.

O acesso se dá por uma recepção onde existe uma mesa de atendimento com computador (Figura 11), local pra registro de visitas e exposição de lembranças

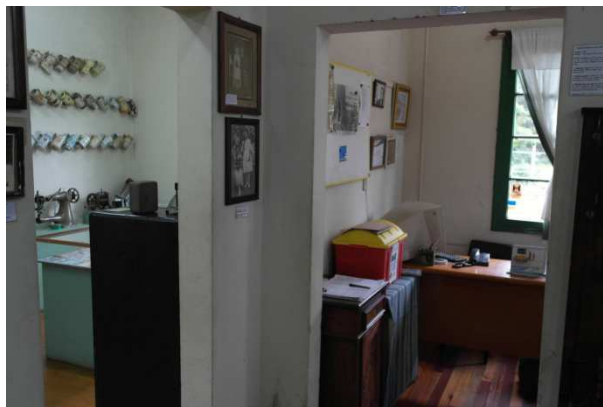
que podem ser adquiridas por visitantes. Este espaço se conecta às duas salas de exposições permanentes (Figura 12).

Figura 11 – Espaço de atendimento da recepção do Museu



Fonte: Autor (2014)

Figura 12 – Recepção vista a partir da sala de exposição



Fonte: Autor (2014)

Na primeira sala de exposição permanente estão expostos objetos relacionados à casa alemã, distribuídos em dois espaços.

O primeiro (Figura 13) reproduz uma cozinha com diversos utensílios domésticos, onde é possível encontrar uma mesa exposta com louças (Figura 14) junto a uma série de objetos de diversas épocas e que se relacionam com a culinária alemã.

Figura 13 – Espaço expositivo que reproduz a cozinha



Fonte: Autor (2014)

Figura 14 – Mesa exposta junto de louças antigas



Fonte: Autor (2014)

Os principais itens do local são as louças, expostas junto à mesa e dentro de dois armários (Figura 15). Há ainda um fogão a lenha e um conjunto de panelas de ferro (Figura 16), além de uma cristaleira e uma geladeira antiga (Figura 17).

Figura 15 – Armários onde são armazenadas louças



Fonte: Autor (2014)

Figura 16 – Fogão lenha e conjunto de panelas



Fonte: Autor (2014)

Figura 17 – Cristaleira e geladeira



Fonte: Autor (2014)

Além disso, na sala existem mobiliários como um harmônio, uma vitrola, relógios, máquinas de costura, televisão e inúmeros quadros e fotografias expostas nas paredes. Junto à circulação estão objetos escolares, como uma classe, uma mesa, lousas, um globo e livros de importantes professores que fazem parte da história da educação no município.

Figura 18 – Mobiliários e objetos expostos



Fonte: Autor (2014)

Figura 19 – Objetos escolares



Fonte: Autor (2014)

Dividido por armários, o segundo espaço remete a um quarto típico do imigrante alemão (Figura 20) e possui três roupeiros, dois berço, diversas malas, uma cadeira WC, chuteiras e equipamentos esportivo, máquinas de costura e outros objetos decorativos (Figura 21).

Figura 20 – Objetos expostos no ambiente do quarto



Fonte: Autor (2014)

Figura 21 – Objetos decorativos expostos no ambiente do quarto



Fonte: Autor (2014)

A segunda sala de exposições permanente (Figura 22) conta com o acervo que retrata o desenvolvimento econômico da cidade, com objetos utilizados na agricultura e nas atividades do campo (Figura 23), além de itens utilizados nos comércios e nas indústrias calçadistas. Apresenta ainda uma coleção com 90 canecos de chopp e um mostruário de moedas.

Figura 22 – Segunda sala de exposição permanente



Fonte: Autor (2014)

Figura 23 – Objetos dos agricultores expostos na segunda sala



Dentre os principais objetos da sala estão um abanador de cereais (Figura 24), uma prensa de torresmo, duas balanças de peso (Figura 25), um batedor de manteiga, um cofre, um computador antigo (Figura 26), inúmeros equipamentos utilizados nas indústrias calçadistas, além de diversos objetos utilizados pelos colonos em sua rotina no campo.

Figura 24 – Abanador de cereais



Fonte: Autor (2014)

Figura 25 – Balança de pesos



Fonte: Autor (2014)

Figura 26 – Computador antigo



Fonte: Autor (2014)

A forma de exposição é variada, já que alguns itens encontram-se presos nas paredes (Figura 27) e outros apoiados no chão ou em expositores (Figura 28). Alguns são identificados com notas com data, doador e descrição, além de lembretes que informam os usuários de que não se deve tocar nos objetos.

Figura 27 – Objetos expostos presos na parede



Fonte: Autor (2014)

Figura 28 – Expositor de moedas



Fonte: Autor (2014)

Todas as esquadrias do local encontram-se abertas, e ao mesmo tempo em que permite a entrada de iluminação natural, traz junto com o ar partículas que podem ser prejudiciais aos objetos. Logo, a climatização e a iluminação dos espaços não são adequadas para a conservação do acervo.

No momento da segunda visita, a sala de exposições temporárias abrigava uma exposição sobre brinquedos antigos (Figura 29). O Museu conta com uma pequena sala de uso administrativo com computador e armários (Figura 30), usado por todos os funcionários do local, um único banheiro, uma copa (Figura 31). Não existem no museu local para manutenção e higienização do acervo, nem almoxarifado para armazenamento de materiais. O acervo de livros que compõem a biblioteca do museu fica em uma prateleira junto à circulação.

Figura 29 – Sala de exposições temporárias

Fonte: Autor (2014)

Figura 30 – Sala administrativa

Fonte: Autor (2014)

A reserva técnica e depósito são adaptados em um sanitário desativado e nas circulações. Apesar de haver preocupação na organização do acervo que fica guardado, há improviso em todos os ambientes de acesso restrito e é visível que os itens não possuem um armazenamento adequado devido a iluminação e umidade dos ambientes não serem ideais e pela falta de espaço.

Figura 31 – Copa de funcionários

Fonte: Autor (2014)

Figura 32 – Reserva técnica e depósito

Fonte: Autor (2014)

Figura 33 – Reserva técnica e depósito

Fonte: Autor (2014)

Ainda assim, o estado de conservação do prédio é bom, exceto em alguns pontos que apresentam bastante umidade nas paredes e onde o forro está danificado.

3.2.3. Questionário com a comunidade de Nova Hartz

O objetivo do questionário foi buscar entender a impressão que a comunidade de Nova Hartz tem sobre o patrimônio cultural e ambiental da cidade e seu potencial turístico, além de compreender a relação que ela tem com Museu Histórico e sua percepção sobre o espaço físico, sobre as ações e sobre o impacto da instituição na sociedade.

Foi utilizada a ferramenta Google Form do Google Drive que permite a criação de questionários que são respondidos online. Esse questionário foi compartilhado na rede social Facebook, ficou no ar por 13 dias nos quais se obteve 36 respostas. O único requisito para respondê-lo é estar morando atualmente em Nova Hartz. O questionário contou com 20 perguntas entre questões abertas e fechadas divididas em três etapas (Apêndice B).

A primeira etapa buscava conhecer características das pessoas que responderam, através de perguntas sobre a profissão, idade, sexo, escolaridade e quanto tempo e em qual bairro reside em Nova Hartz.

Houve grande variação de profissões, sendo a maioria, prestadores de serviços, funcionários do comércio, funcionários públicos, professores, industriários e estudantes. A faixa etária com maior número de respostas ficou entre 19 e 30 anos (64%) e acima de 40 anos (14%) e mulheres somaram 69% do total de respostas. Ainda, os graus de escolaridade predominantes foram ensino superior incompleto com 53%, ensino superior completo, com 19%, ensino médio completo, com 14% e pós-graduação com 11%. O tempo de residência em Nova Hartz das pessoas que responderam ficou em sua maioria de 21 a 25 anos, com 33%, de 16 a 20 anos, com 22% e mais de 25 anos, com 19%. Houve uma distribuição homogeneia entre os bairros em que residem as pessoas que responderam o questionário, exceto por 4 bairros que não obtiveram nenhuma resposta. Logo, uma parcela da população com características variadas e de quem se espera haver interesse por cultura respondeu o questionário.

A segunda etapa abordava alguns aspectos do município de Nova Hartz, como o conhecimento das pessoas sobre a história de formação da cidade e sobre o seu potencial turístico. Dos respondentes, 86% conhecem a história de Nova Hartz, sendo que 44% conheceram através da escola, 39% em conversas com amigos e

parentes e 37% através do Museu Histórico Municipal. Os demais conheceram através de livros, jornais, internet ou outras fontes.

Quando abordado o turismo em Nova Hartz, 72% das pessoas acreditam que a cidade tem potencial para que ele seja desenvolvido. As belezas das paisagens naturais e da zona rural formam o principal motivo citado e se fez referência também aos aspectos da cultura, da arquitetura e da história da ocupação alemã no município. O principal ponto turístico citado foi a cascata do Morro de Canudos, além das atafonas e do conjunto arquitetônico do Bairro Arroio da Bica. Os que não vêem potencial turístico na cidade (28%) relacionam isso principalmente ao pouco investimento da administração pública e a falta de atrativos e de equipamentos, como hotéis e pousadas. O Roteiro Cultural Roda D'Água também foi lembrado como promotor do turismo, sendo que 50% dos que responderam o questionário já participam deste passeio.

A terceira etapa de perguntas foi relacionada as percepções e expectativas da comunidade em relação ao Museu Histórico de Nova Hartz. Dos respondentes, 86% já visitaram o Museu. Os motivos mais recorrentes foram passeios escolares de estudo e pesquisa, curiosidade, o desejo de conhecer a história do município e o interesse por antiguidades e pelas exposições.

Sobre as características positivas encontradas no museu foram citadas a qualidade do atendimento e da administração do local, a possibilidade de preservar e conhecer a história do município, a qualidade das exposições e do acervo, além de sua localização e organização. Sobre os aspectos negativos, o mais citado foi o fato do espaço ser pequeno. Além disso, se fez referência a falta de luminosidade, de atrativos, de investimentos do poder público, de organização e de atualização do acervo.

Ainda, 64% das pessoas não participaram de nenhuma atividade promovida pelo Museu Histórico. Dos 36% que já participaram, as atividades foram: visita a diversas exposições, participação em palestras, no Roteiro Cultural, em gincanas e no evento Raízes de Nova Hartz. Quando perguntado o que as pessoas gostariam de ver no Museu houve interesse principalmente em qualificar o acervo, através de maquetes, novas exposições, espaços interativos, além de exposições fotográficas, exibição de filmes, espaços mais amplos e ações educativas como aulas de alemão e formação de guias de turismo mirins.

Para finalizar o questionário, foi perguntado se os respondentes acreditavam que o Museu exerce alguma influência na vida dos moradores de Nova Hartz, resultando em uma grande variedade de respostas.

As pessoas que acreditam não haver influência justificaram afirmando que há falta de interesse da comunidade na história, que ainda é pequena a quantidade de pessoas que conhecem ou já visitaram o museu ou porque a única oportunidade em que foram ao museu foi durante a época escolar. Eles sentem falta de espaços mais interativos e atrativos, de uma melhor divulgação, da realização de atividades dentro o fora do espaço museológico e de uma maior interação entre o museu e a comunidade.

Os que acreditam que o museu influencia a comunidade veem o museu como um equipamento importante para o turismo local, para a riqueza cultural e histórica da cidade, como um espaço para conhecer e preservar a história da cidade, e onde se pode refletir e compreender as mudanças ocorridas no município e na sociedade.

Ainda, citam a riqueza de detalhes dos objetos do local e que através dele pode-se conhecer as moradias e os comércios de antigamente, e que isso ocorre através dos eventos promovidos que buscam a participação da população. Um respondente citou ainda que assim como “a história pessoal de cada um é fundamental para o seu crescimento e para a sua evolução, a cidade precisa lembrar e preservar o seu passado para se desenvolver satisfatoriamente”.

Esse impacto poderia ser ainda maior através da produção de uma linha do tempo contando toda a história e acessível à população, da abertura do museu em horários em que a comunidade não está trabalhando e de maiores investimentos por parte da administração pública.

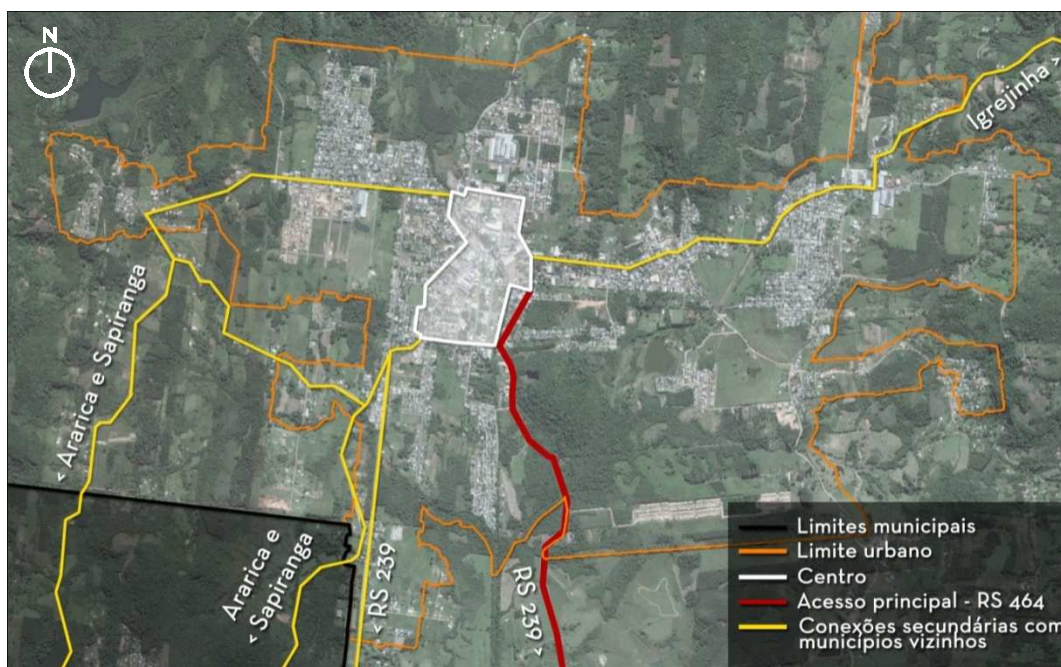
4 ÁREA DE INTERVENÇÃO

Este capítulo apresenta o lote escolhido para a implantação do Novo Museu Histórico de Nova Hartz. Serão identificadas as principais características do local e justificativa da sua escolha, além de análise do entorno, da legislação municipal que incide sobre ele, das características bioclimáticas e levantamento topográfico e fotográfico.

4.1 LOTE

Para definição da área de intervenção foram considerados alguns critérios identificados na literatura, como inserção urbana (KIEFER, 2000), local onde o projeto arquitetônico permita a criação de uma imagem para a cidade (MARTINS, 2013) e que potencialize o desenvolvimento das funções educativas e sociais da instituição (BRITTO, 2008). Por isso, a região central de Nova Hartz foi considerada como mais apropriada, por permitir o fácil acesso tanto de visitantes de cidades vizinhas quanto dos moradores dos demais bairros da cidade.

Figura 34 – Localização do Centro no Município de Nova Hartz



Fonte: Adaptado de pelo autor de GOOGLE EARTH (2013)

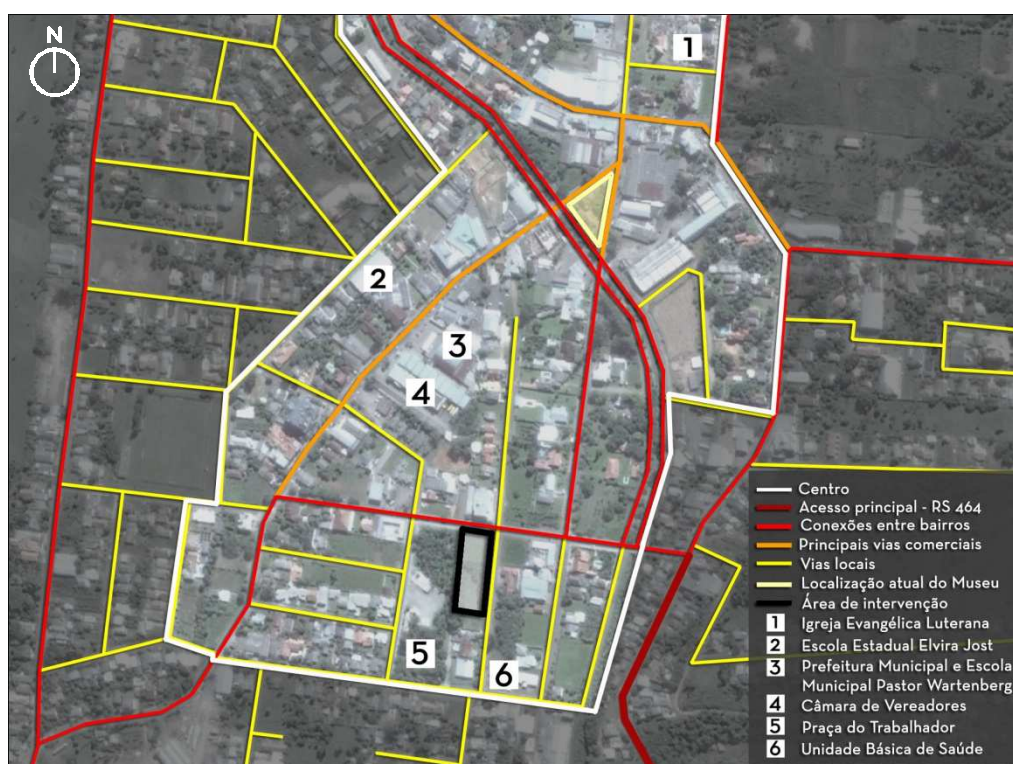
Para definição de qual seria o lote ideal dentro do contexto urbano de Nova Hartz, foi realizado um levantamento dos lotes disponíveis, considerando além da

localização de outros equipamentos da cidade e área, a relação visual com as paisagens naturais. A proximidade com a sede existente do museu foi considerada, uma vez que sua localização foi apontada como umas das características positivas do local atual.

Foi escolhido um conjunto de lotes junto à Praça do Trabalhador, principal espaço público do município. O critério de vinculação da instituição museológica a um espaço público capaz de promover a integração do edifício à cidade (NEIVA, 2013), recorrente nas referências analisadas no Capítulo 5 e presente na atual sede, foi decisivo na escolha do local.

Além disso, a área de intervenção encontra-se em uma das principais vias de ligação da RS 464 ao centro comercial da cidade e próxima a duas escolas e a Prefeitura Municipal.

Figura 35 – Sistema viário do Centro de Nova Hartz e demarcação do lote



Fonte: Adaptado de GOOGLE EARTH (2013)

A Praça do trabalhador e o centro comunitário reforçam a vocação pública do quarteirão, fortalecida ainda pela proximidade de uma Unidade Básica de Saúde. A Praça foi reformada no ano de 2012, possui cerca de 9.980 m², é formada pelas ruas Arapongas, da Várzea e São Manoel e possui espaços de recreação para crianças, jovens e idosos, com playground, pista de skate, mesas de xadrez, equipamentos de

ginástica, calçada usada para caminhadas e corridas, além de espaços de estar e palco para shows. Atualmente é na Rua da Várzea e na Praça que são realizados os principais eventos da cidade, como por exemplo, a Feira do Livro, a festa de aniversário da cidade, a festa do Trabalhador, o encontro de motos Moto Hartz e Natal Encantado (Figura 36 e Figura 37).

Figura 36 – Praça utilizada no Natal Encantado



Fonte: NOVA HARTZ (2014a)

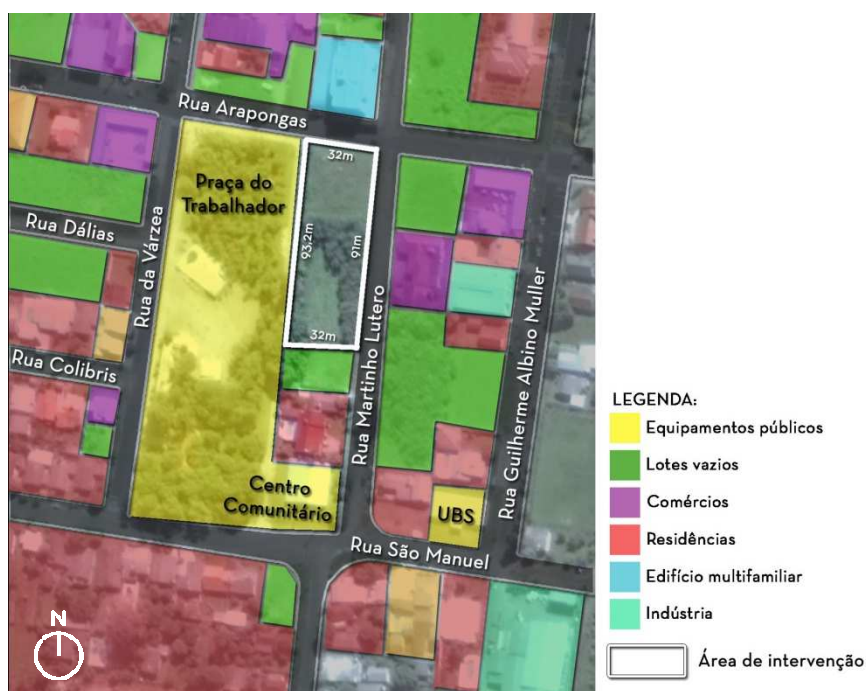
Figura 37 – Praça utilizada na Feira do Livro



Fonte: NOVA HARTZ (2014a)

O entorno do lote ainda é prioritariamente comercial, devido ao fato de o local estar situado em uma região para onde caminha o desenvolvimento da cidade. O fato de haverem inúmeros lotes vazios próximos sugere que logo predominarão no local estabelecimentos comerciais e de serviços.

Figura 38 – Levantamento de usos no entorno do lote



Fonte: Adaptado de GOOGLE EARTH (2013)

O lote é de propriedade da prefeitura municipal, plano e com uma concentração de vegetação em formato de L no centro. Possui 32 m a norte no alinhamento com a Rua Arapongas, 91 m a oeste, no alinhamento com a Rua Martinho Lutero, 93,2m a leste na divisa com a Praça do Trabalhador e 32 m a sul, no alinhamento com lote vazio pertencente a prefeitura, totalizando 3.699,98 m².

4.2 REGIME URBANÍSTICO

As informações referentes ao regime urbanísticos do lote podem ser encontradas no Plano Diretor de Desenvolvimento Territorial e Ambiental (PDDTA) de Nova Hartz, Lei Municipal N.º 1450, de 1.º de Dezembro de 2009.

Segundo o Zoneamento Geral, a área de intervenção encontra-se em duas zonas: a fachada norte no alinhamento com a Rua Arapongas está na Zona de Preservação das Visuais da Paisagem Natural – ZPPN e o restante do lote na Zona Mista Prioritariamente Comercial – ZMC. Logo, serão utilizados os índices da ZPPN, por serem mais restritivos e seguindo recomendações do PDDTA.

Essa Zona de Preservação das Visuais da Paisagem Natural está localizada na área central do município e apresenta importantes visuais da paisagem natural que devem ser preservadas e valorizadas, reforçando a identidade do Município, contribuindo com o desenvolvimento das atividades turísticas. Por isso, são necessários controles sobre a altura das edificações e densidade populacional evitando a obstrução destas visuais e o aumento do congestionamento do sistema viário (NOVA HARTZ, 2012).

O projeto para o Novo Museu de Nova Hartz se classifica na categoria de uso do solo CSD - Comércio e Serviços Diversificados, que abrange locais para serviços de educação e cultura. Logo, os seguintes regimes são aplicados:

Tabela 1 – Regimes urbanísticos do lote

| | Permitido | m ² |
|--------------------------|-----------|--------------------------|
| Taxa de Ocupação | 80% | 2.959,98 |
| Índice de aproveitamento | 2,8 | 10.359,94 m ² |

Fonte: Elaborado pelo autor (2014)

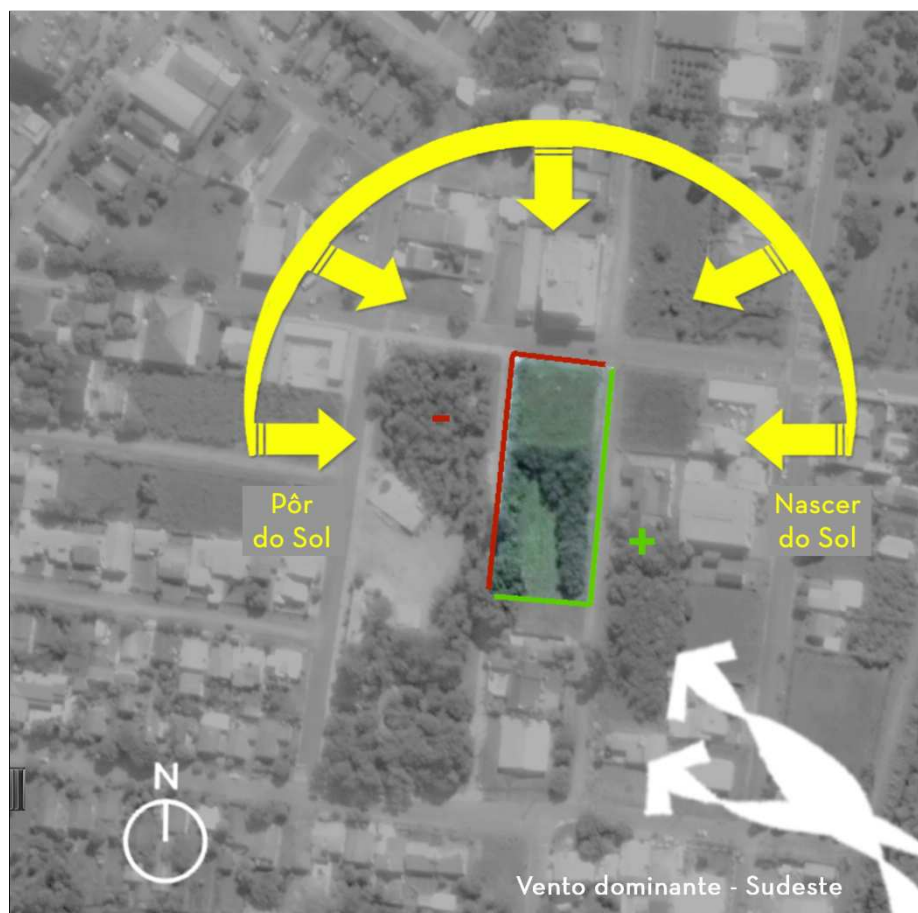
Recuos laterais e frontais não são obrigatórios e altura máxima é de 2 pavimentos.

4.3 ANÁLISE BIOCLIMÁTICA

Em uma situação ideal de implantação se priorizaria a implantação no sentido leste/oeste, para que as maiores fachadas recebam incidência solar de norte e de sul, garantindo os ganhos de radiação no inverno e menores ganhos no verão. Porém, a forma do lote indica que a implantação a ser adotada será no sentido norte-sul. Logo o projeto deverá prever proteção solar, principalmente na fachada oeste, onde eles devem ser horizontais. Para a alvenaria externa deve-se optar por materiais com grande resistência ao calor e à umidade.

Além disso, o vento predominante na região é sudeste, mas no programa do museu não é desejada a ventilação natural nos espaços expositivos. Nos espaços de uso público pode-se tirar proveito da ventilação natural, considerando as zonas de pressão positiva (entrada do vento em verde) e negativas (saída do vento em vermelho), conforme mostra a Figura 39.

Figura 39 – Análise bioclimática do lote

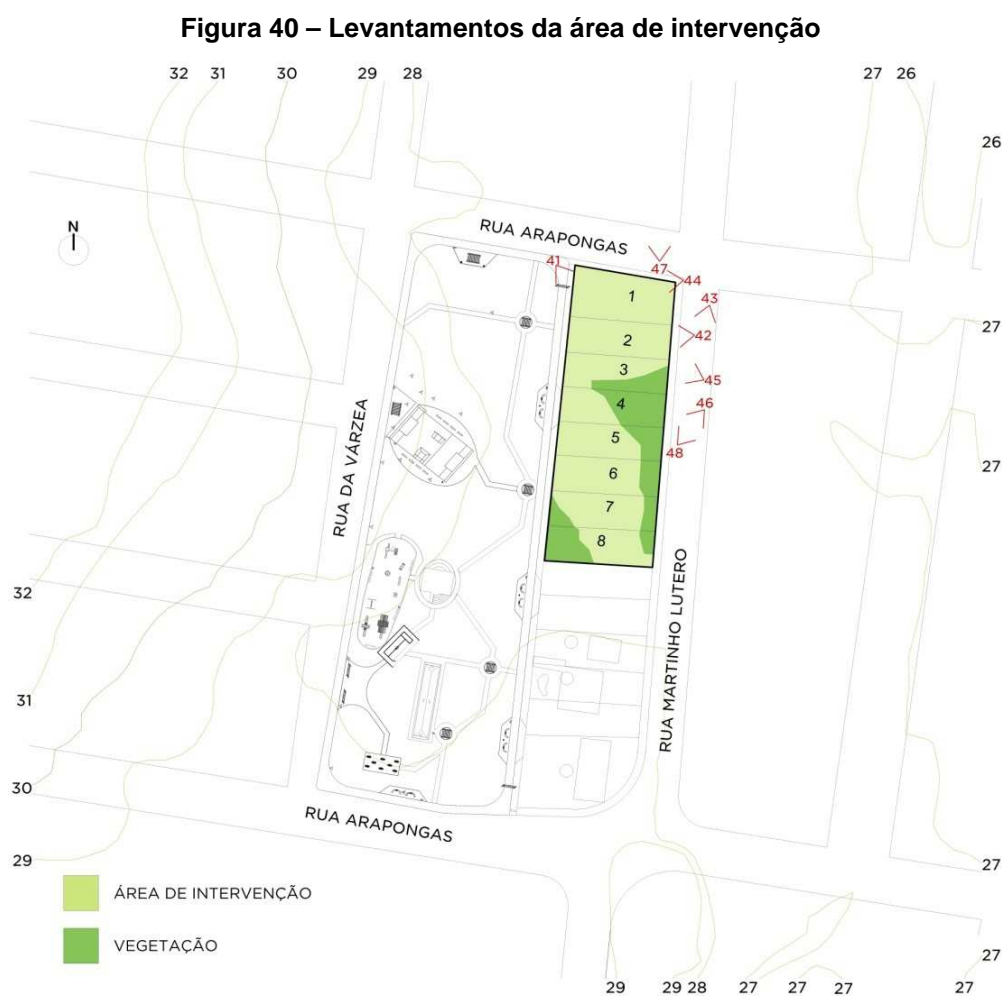


Fonte: Adaptado de GOOGLE EARTH (2013)

4.4 LEVANTAMENTO TOPOGRÁFICO E FOTOGRÁFICO

Conforme o levantamento topográfico fornecido pela Prefeitura Municipal, que apresenta a divisão de lotes do quarteirão, oito lotes conformam a área de intervenção. O terreno é plano e somente existem algumas curvas de nível passando nos quarteirões próximos.

O projeto da Praça do Trabalhador aparece como elemento capaz de integrar o Museu Histórico com o espaço público já consolidado e utilizado pela população da cidade. Da praça podem surgir diretrizes, eixos e alinhamentos para o futuro projeto. A demarcação da área de intervenção, cobertura vegetal existente no lote, a topografia, o projeto da Praça do Trabalhador e indicações do levantamento fotográfico são apresentadas na Figura 40.



Fonte: Elaborado pelo autor (2014)

Através do levantamento fotográfico foi possível identificar diversas características da área de intervenção. A Figura 41 mostra a relação existente entre

o lote (à direita) e a Praça do Trabalhador, sendo que a divisa entre eles localiza-se junto a calçada que serve como travessia de pedestres, que é utilizada para corridas e onde concentram-se equipamentos de ginástica. Essa divisa é demarcada por uma cerca e por uma concentração linear de vegetação. A Figura 42 mostra a Praça do Trabalhador ao fundo, que conta com uma grande concentração de árvores e a área norte do lote, que é plana e que conta com vegetação rasteira.

Figura 41 – Praça do Trabalhador



Fonte: Autor (2014)

Figura 42 – Norte da área de intervenção



Fonte: Autor (2014)

A Figura 43 apresenta a Rua Martinho Lutero, atualmente sem pavimentação e a concentração de árvores no centro do lote. É possível identificar ainda a linha de abastecimento de energia situada na testada leste da área de intervenção. A Figura 44 mostra a Rua Arapongas que é um dos principais acessos do município e que conecta o lote com a Praça do Trabalhador. Na figura é possível identificar também a relação visual que a área de intervenção tem com os morros que circundam a cidade.

Figura 43 – Rua Martinho Lutero e vegetação no lote



Fonte: Autor (2014)

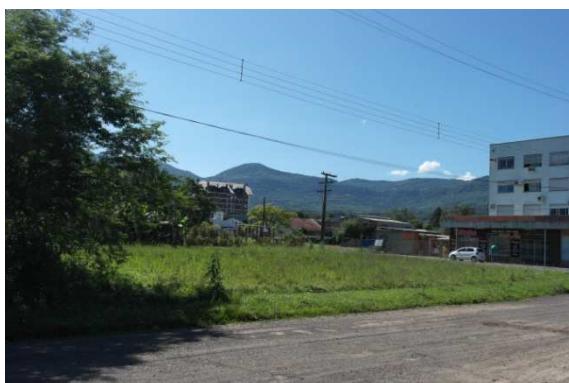
Figura 44 – Rua Arapongas e testada norte do lote



Fonte: Autor (2014)

A Figura 45 mostra a área norte do lote que não possui vegetação e a relação com a paisagem e com o entorno. A região conta com um edifício multifamiliar com 4 pavimentos em frente ao lote. A Figura 46 demonstra a concentração de vegetação na divisa leste do lote, junto a rede elétrica, e que se estende linearmente até a divisa sul.

Figura 45 – Relação do lote com o entorno



Fonte: Autor (2014)

Figura 46 – concentração de vegetação no lote



Fonte: Autor (2014)

Na Figura 47 é mostrada a edificação residencial de maior porte do entorno, única com mais de 2 pavimento. O restante da região é formado, em sua maioria, por residências unifamiliares. Na Figura 48 aparecem outros lotes do entorno, que conta ainda com uma grande quantidade de áreas vazias, nos quais a especulação imobiliária deve garantir suas ocupações em pouco tempo, mas onde a legislação estabelece normativas de controle de altura.

Figura 47 – Edificação do entorno



Fonte: Autor (2014)

Figura 48 – Lote vazio do entorno



Fonte: Autor (2014)

5 PROJETOS REFERENCIAIS

Este capítulo serve como suporte para a construção do programa de necessidades e de distribuição dos ambientes de um museu através de análise de projetos arquitetônicos com uso semelhante. Busca-se ainda, apresentar características desejáveis ao projeto que será desenvolvido no Trabalho Final de Graduação com base em projetos com aspectos formais relevantes.

5.1 PROJETOS REFERENCIAIS ANÁLOGOS

Os projetos referenciais análogos são aqueles que apresentam o mesmo uso do futuro trabalho de conclusão. Neste caso, serão analisados dois projetos de museus no Brasil com porte, acervo e programa de necessidades semelhantes aos do projeto pretendido. Serão analisadas características como a disposição interna dos ambientes, o percurso expositivo, a relação entre espaços públicos e privados e o programa de necessidades. O primeiro projeto é o Museu da Cachaça, construído na cidade de Salinas/MG e que retrata uma importante época do país nos aspectos sociais e econômicos. O segundo é uma proposta de projeto para o Museu Histórico e Cultural de Jundiaí, que vincula a instituição a uma pré-existência que é patrimônio histórico.

5.1.1. Museu da Cachaça / Jô Vasconcellos

Local: Salinas, MG

Início do projeto: 2005

Conclusão da obra: 2012

Área do terreno: 13.000 m²

Área construída: 2.200 m²

Arquitetura: Jô Vasconcellos & Arquitetos Associados - Jô Vasconcellos

Museologia: Sylvania Nascimento

Museografia e luminotécnica: Estúdio Ronaldo Barbosa

O Museu da Cachaça (Figura 49) se localiza na cidade de Salinas, em Minas Gerais, uma das principais fabricantes do produto. É fruto da parceria entre a

Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais com a prefeitura de Salinas e a Universidade Federal de Minas Gerais (JAZRA, 2013).

Figura 49 – Fachada do Museu da Cachaça



Fonte: ARCHDAILY BRASIL (2014)

O edifício conta com áreas de exposições temáticas que apresentam a história da cachaça, da plantação até a colheita e a comercialização do açúcar, passando por engenhos antigos e atuais. O prédio do museu se apropria de um terreno longilíneo de 13.000 m² e cria um “episódio urbano” que se destaca em meio à paisagem (Figura 50).

Figura 50 – Implantação do Museu da Cachaça



Fonte: Adaptado de GOOGLE MAPS (2013b)

Os espaços externos são abertos e semiabertos sem criar uma rígida delimitação entre o terreno e a construção. Para compor o paisagismo foram plantadas árvores de grande e médio porte que irão criar locais sombreados e projetados jardins com espécies locais, como espada de São Jorge e cana de açúcar (JAZRA, 2013). Conforma-se no lote uma praça (Figura 51) com áreas de estar e lazer, com pátios, terraços e anfiteatros protegidos por pérgulas metálicas, que podem servir para usos como aulas, oficinas, shows, eventos, etc. Os espaços externos proporcionam uma maior identificação da população com o museu, através de sua apropriação. Há ainda, espaços administrativos e locais para educação e convivência.

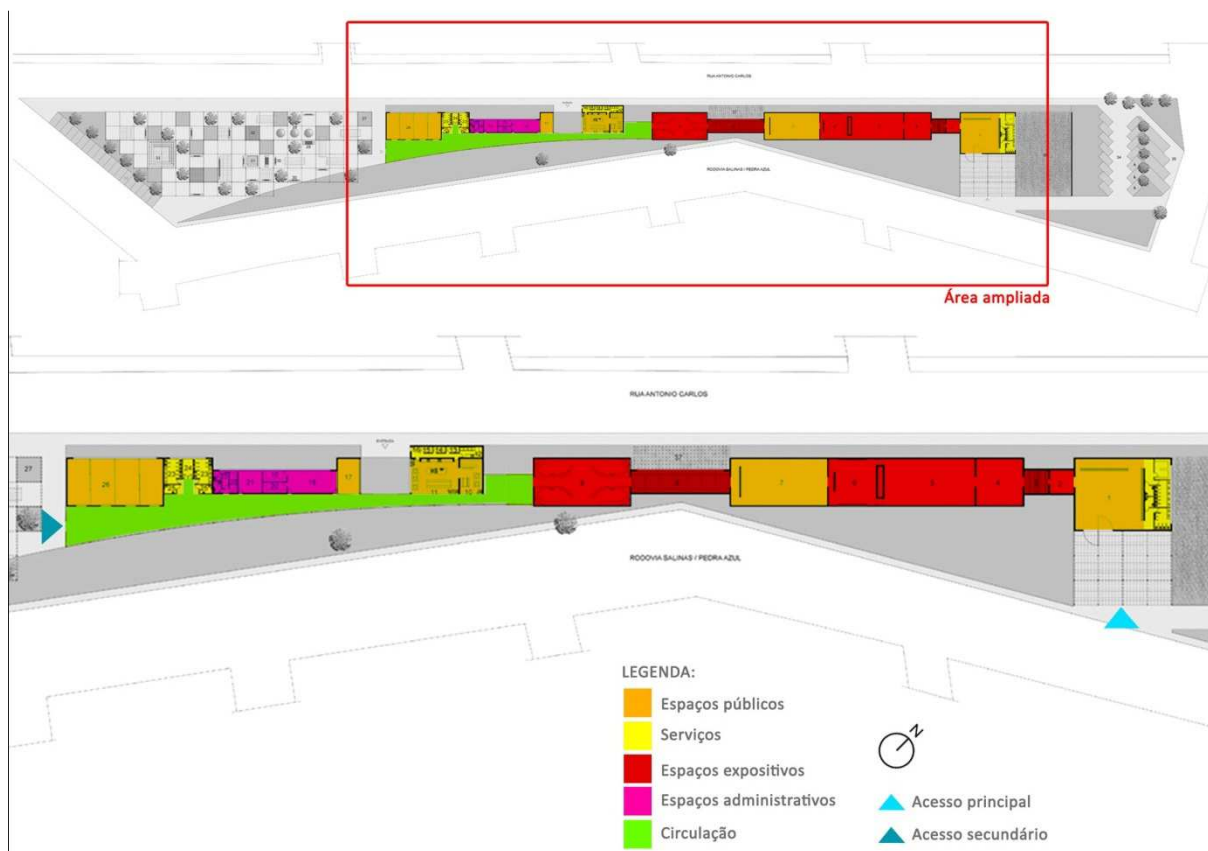
Figura 51 – Espaços externos de estar e convivência do museu



Fonte: ARCHDAILY BRASIL (2014)

A edificação é composta por uma série de volumes sólidos e azuis, dispostos linearmente, chegando a quase 200 metros entre as extremidades. Eles refletem as demandas dos espaços de exposição, com notáveis variações de largura, comprimento e altura. Ele é reflexo também da opção de ter um percurso expositivo linear e contínuo, perceptível na planta baixa (Figura 52). Existem ainda 34 vagas de carros e 4 vagas de ônibus distribuídos pelo lote.

Figura 52 – Planta baixa do Museu da Cachaça com ampliação



Fonte: Adaptado de ARCHDAILY BRASIL (2014)

O acesso se dá por uma varanda coberta e aberta que leva a um grande hall com serviços de recepção, rouparia e banheiros. As exposições são dispostas linearmente e retratam a história da cachaça através das seguintes salas: Dos Canaviais, Das Garrafas, Do Engenho, Do Moinho, Do Aroma, Multiuso, De Terra Batida e De depoimentos (ARCHDAILY BRASIL, 2014). O percurso termina em um bar de degustação e restaurante, que ficam juntos dos espaços educativos, administrativos e da loja, todos conectados por uma grande circulação protegida por uma parede curva de tijolos de cobogó. Os 2.200 m² do projeto se distribuem conforme a Tabela 2:

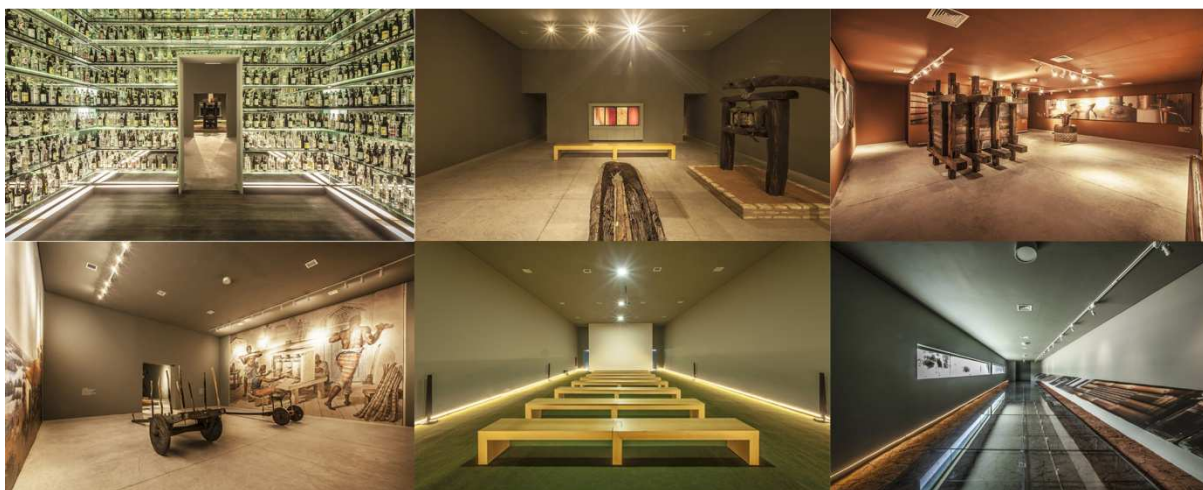
Tabela 2 – Quadro de áreas do Museu da Cachaça

| | Ambiente | Área aproximada (m ²) |
|----|---|-----------------------------------|
| 1 | Hall de entrada/acolhimento | 190,00 |
| 2 | Sanitários | 50,00 |
| 3 | Rouparia | 13,00 |
| 4 | Sala de canaviais | 22,00 |
| 5 | Sala das cachaças | 20,00 |
| 6 | Sala de exposição - Engenho | 85,00 |
| 7 | Sala de exposição - Moinho | 160,00 |
| 8 | Sala de exposição - Aroma | 105,00 |
| 9 | Sala multiuso | 175,00 |
| 10 | Sala de exposição - Terra batida | 90,00 |
| 11 | Sala de exposição - Depoimentos | 175,00 |
| 12 | Circulação | 595,00 |
| 13 | Bar de degustação | 32,00 |
| 14 | Restaurante | 66,00 |
| 15 | Cozinha com depósito, paineleiro e hall de serviço | 34,00 |
| 16 | Loja | 30,00 |
| 17 | Administração | 45,00 |
| 18 | Almoxarifado | 8,00 |
| 19 | Arquivo | 10,00 |
| 20 | Reserva técnica | 22,00 |
| 21 | Depósito e Sanitário de funcionários | 20,00 |
| 22 | Sanitários | 50,00 |
| 23 | Ar condicionado | 10,00 |
| 24 | Espaço multiuso dividido em 4 salas de 45,00 m ² | 180,00 |

Fonte: Elaborado pelo autor (2014)

O trajeto interno pelas salas foi dimensionado e ambientado de acordo com as características de cada parte do acervo e apresenta variadas atmosferas, através de recursos espaciais, técnicos e museográficos (Figura 53) para criar um dinâmico processo de intercâmbio entre o sujeito e o objeto (ARCHDAILY BRASIL, 2014). Essas áreas foram criadas com base nas características socioculturais do local ao representar a inserção da bebida no imaginário coletivo e a união de grupos sociais através do seu consumo, além de abranger o conceito socioeconômico ao mostrar a produção, circulação e consumo da cachaça, com base em uma visão antropológica do produto (JAZRA, 2013).

Figura 53 – Espaços expositivos do museu



Fonte: Adaptado de ARCHDAILY BRASIL (2014)

Houve preocupação em se criar uma edificação de fácil manutenção e econômica além de cuidados ambientais devido ao clima excessivamente quente da região (JAZRA, 2013). Por isso, optou-se por espessas paredes de alvenaria cerâmica com acabamento irregular e rugoso, em referência a arquitetura vernácula da região. As lajes duplas proporcionam um colchão de ar por onde passam as instalações técnicas necessárias para o funcionamento do museu (ARCHDAILY BRASIL, 2014).

Sendo assim, seja pela importância do seu acervo e da história que busca retratar ou pela expressividade da arquitetura monocromática, o Museu da Cachaça se torna um marco dentro da cidade. Apropria-se do lote de forma que permite uma distribuição linear do programa, ideal para a forma que busca contar a história, através de espaços expositivos simples, mas com características próprias. Ao criar espaços públicos de estar e proporcionar ações sociais e de educação, ele reforça seu caráter público.

5.1.2. Museu Histórico e Cultural de Jundiaí / AUM Arquitetos

Arquiteto: AUM Arquitetos

Localização: Jundiaí - São Paulo, Brasil

Ano do projeto: 2012

Área aproximada do terreno: 3.950 m²

Área construída: 2.065 m²

O projeto para ampliação do Museu Histórico e Cultural de Jundiaí foi premiado na categoria "Patrimônio Histórico - Requalificação e Restauro" na premiação IAB/SP 2012 e busca a valorização do patrimônio histórico e a readequação de seus ambientes. Considera-se como valor primitivo do lugar a matéria rígida histórica, protegida como patrimônio histórico e também o conjunto de vegetação e jardins do lote (DELAQUA, 2013). No projeto, o contemporâneo justapõe-se ao edifício histórico, exaltando as qualidades da pré-existência (Figura 54).

Figura 54 – Perspectiva do projeto do Museu Histórico e Cultural de Jundiaí



Fonte: DELAQUA (2013)

Figura 55 – Vista superior do projeto do Museu



Fonte: DELAQUA (2013)

A proposta prevê a conservação, a restauração e a readequação do antigo Solar do Barão de Jundiaí através do reparo das manifestações patológicas com técnicas apropriadas a fim de garantir a integridade do prédio. Preserva-se a originalidade do corpo principal do Solar ao localizar as intervenções mais significativas no fundo do lote (Figura 56), conectadas ao espaço antes ocupado pela cozinha (DELAQUA, 2013). Complementam o uso do museu um espaço cultural com auditório, sala multiuso e café.

Ao acessar o museu, o usuário pode escolher entre acessar a área de exposições, dirigir-se ao jardim ou percorrer a passarela que leva ao novo espaço cultural.

Figura 56 – Vista da ampliação a partir do Solar do Barão



Fonte: DELAQUA (2013)

A nova edificação faz uso da iluminação artificial através do de planos envidraçados e de zenitais. A passarela libera o solo para espaços públicos e de estar, cria momentos de admiração do Solar do Barão, respeita as árvores existentes no lote e forma uma praça elevada (Figura 57).

Figura 57 – Praça elevada de acesso aos espaços culturais do museu



Fonte: DELAQUA (2013)

Nos espaços externos do térreo, os jardins e o casarão se integram visualmente ao salão do café e ao foyer do auditório, ambos cerrados por vidros e cobertos pela passarela. A edificação nova conecta-se ao Solar através de uma circulação envidraçada que toca a fachada do anexo da cozinha original. No porão ficam os sanitários e a reserva técnica do museu (DELAQUA, 2013).

Figura 58 – Espaços públicos nos espaços externos do museu



Fonte: DELAQUA (2013)

O percurso expositivo se inicia em um hall para recepção dos visitantes, passa por inúmeras salas de exposição dentro do Solar e termina na loja. As salas da pré-existência receberão a infraestrutura necessária para o uso como espaços expositivos contemporâneos, capazes de expor e conservar as peças em ambientes seguros com controle de luminosidade, temperatura e umidade (DELAQUA, 2013). Conforme a Figura 59, no pavimento térreo localizam-se também os espaços administrativos, dotadas de salas de trabalho e de reuniões e a sala multiuso da nova edificação.

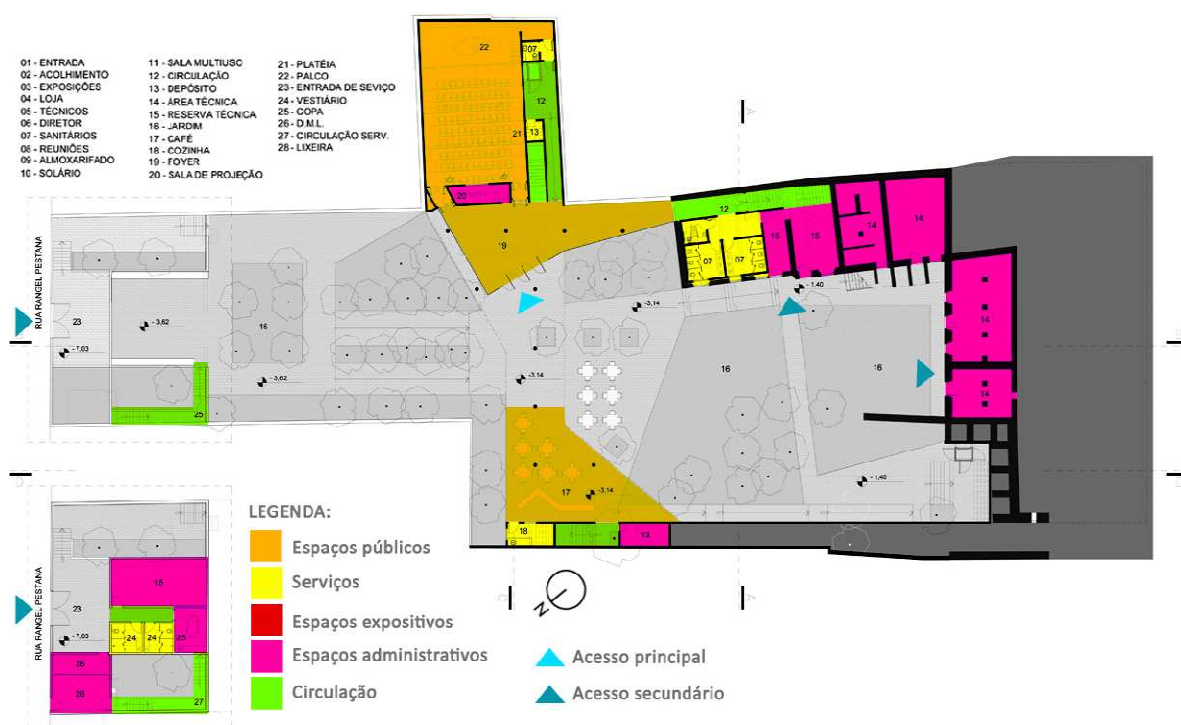
Figura 59 – Planta baixa do térreo



Fonte: Adaptado de DELAQUA (2013)

No subsolo localizam-se os espaços técnicos necessários para suporte ao museu, como reserva técnica e sala de profissionais. O auditório possui plateia com 97 lugares, localiza-se próximo ao café e o seu foyer fica sob a passarela, conectado aos jardins. Ao norte do lote, fica o acesso às áreas de serviço junto com parte da reserva técnica, vestiário e copa de funcionários (DELAQUA, 2013), conforme mostra a Figura 60.

Figura 60 – Planta baixa do subsolo e dos jardins



Fonte: Adaptado de DELAQUA (2013)

A Tabela 2 apresenta o programa de necessidade com as áreas aproximadas dos ambientes internos do museu, que possui o total de 2.065 m² divididos entre espaços de exposição, administrativos, públicos, circulações e serviços. Não são indicadas vagas de estacionamento e nem proposição de interiores dos espaços de exposição.

Tabela 3 – Quadro de áreas do Museu Histórico e Cultural de Jundiáí

| | Ambientes | Área aproximada (m²) |
|----|---------------------------------|--|
| 2 | Hall de entrada/acolhimento | 125,00 |
| 3 | Exposições (10 salas) | 450,00 |
| 4 | Loja | 50,00 |
| 5 | Técnicos (2 salas) | 50,00 |
| 6 | Diretor | 20,00 |
| 7 | Sanitários (14 conjuntos) | 60,00 |
| 8 | Reuniões | 36,00 |
| 9 | Almoxarifado | 7,00 |
| 11 | Sala multiuso | 140,00 |
| 12 | Circulações internas | 340,00 |
| 13 | Depósito (3 salas) | 20,00 |
| 14 | Área técnica (4 salas) | 180,00 |
| 15 | Reserva técnica (2 salas) | 90,00 |
| 17 | Café | 135,00 |
| 18 | Cozinha | 10,00 |
| 19 | Foyer | 120,00 |
| 20 | Sala de projeção | 10,00 |
| 21 | Plateia e palco (97 lugares) | 185,00 |
| 24 | Vestiário | 20,00 |
| 25 | Copa | 15,00 |
| 26 | Depósito de material de limpeza | 12,00 |
| 28 | Lixeira | 20,00 |

Fonte: Autor (2014)

É possível destacar algumas características que qualificam o projeto para o Museu Histórico e Cultural de Jundiáí. A apropriação de uma residência tombada como patrimônio histórico é capaz de criar um vínculo entre o espaço e o acervo, além de garantir sua preservação. A proposta de espaços culturais, como auditório e sala multiuso são elementos que aproximam a população do museu através de ações culturais e sociais que podem ser desenvolvidas no local. Os espaços públicos abertos também servem como atrativos para o público e dão qualidade ao projeto, principalmente por ser tratar de uma área isolada do espaço urbano.

5.2 PROJETOS REFERENCIAIS FORMAIS

Os projetos referências formais são aqueles que apresentam aspectos arquitetônicos possíveis de serem aplicados no Trabalho Final de Graduação, como

composição volumétrica, materiais e sistemas construtivos. Os dois projetos analisados possuem características análogas, mas a carência de informações não permite uma análise funcional dos espaços. O primeiro projeto é um museu e centro de visitantes situado em Murcia, na Espanha que apresenta uma volumetria atrativa e expressiva. O segundo projeto foi produzido para um concurso e trata-se do pavilhão temporário que apresenta a Espanha na exposição de Milão de 2015. Ambos apresentam características desejáveis a um projeto de museu, como a composição dos espaços internos e externos e utilização de materiais que contribuem para a criação de uma edificação expressiva.

5.2.1. Museu Monteagudo / Amann Cánovas Maruri

Arquiteto: Amann Cánovas Maruri

Localização: Murcia / Espanha

Ano do projeto: 2010

O Museu Monteagudo (Figura 61) está localizado na Região sudeste de Murcia na Espanha, no lado sul da colina de mesmo nome em um local de grande importância arqueológica (HELM, 2013).

Figura 61 – Vista do Museu de Monteagudo a partir do pátio



Fonte: HELM (2014)

É a primeira fase de um projeto que requalificação do castelo de Monteagudo, que inclui melhorias de acesso e restauro. A encosta possui resquícios de estruturas

e elementos da cultura “*El Argar*”, das civilizações romanas e árabes. O edifício serve como Centro de visitantes e se adapta a complexidade do entorno, através da atenção especial dada às visuais do castelo. Ele é identificado como um parasita agarrado à montanha (HELM, 2013). Possui forma de U para abraçar uma pré-existência e se apropriar do lote, criando no centro um pátio interno (Figura 62).

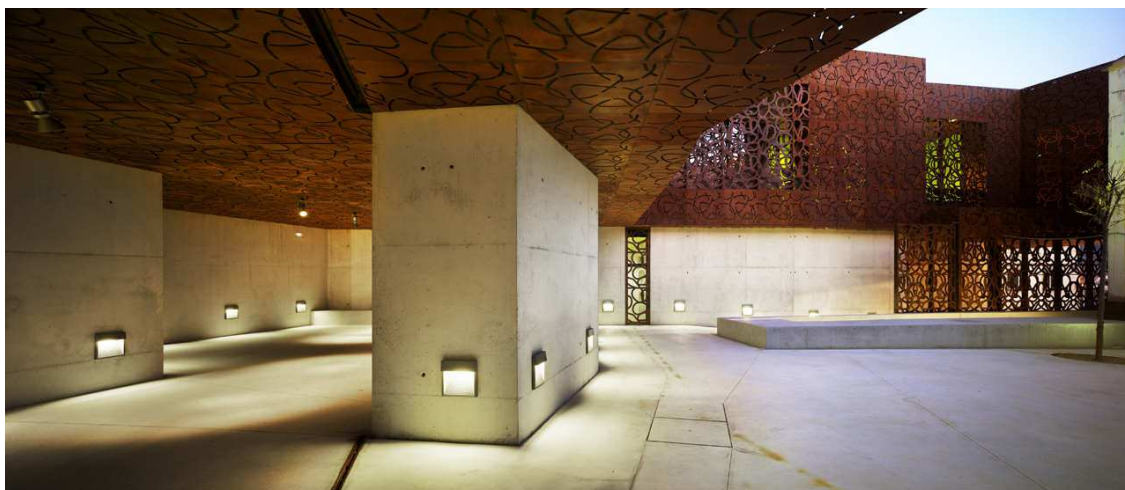
Figura 62 – Volumetria do museu vista da cobertura



Fonte: HELM (2014)

A topografia do lote exige que o museu se adapte a ela através da variação em sua altura que para não se tornar um obstáculo elevado e agressivo à paisagem busca também uma relação com os edifícios do entorno. A volumetria é composta por formas angulares que trazem maior movimento ao edifício e resulta em uma grande variedade de visuais do próprio prédio. O acesso se dá através de rampas em resposta aos problemas de acessibilidade do lote e leva a um térreo aberto às edificações vizinhas que cria espaços de abrigo e de conexão entre exterior e interior (Figura 63) (HELM, 2013).

Figura 63 – Espaços exteriores do museu



Fonte: HELM (2014)

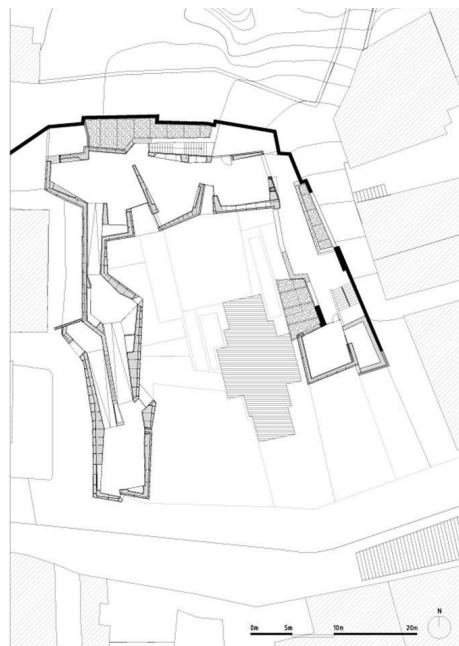
No térreo localizam-se alguns ambientes de serviço e o espaço público aberto (Figura 64) e no segundo pavimento estão salas de exposição permanentes e temporárias (Figura 65). Estas salas são fechadas e controladas, abrem-se eventualmente para as vistas do vale e do castelo e fazem do edifício um mirante (HELM, 2013). Os ambientes possuem formas irregulares e o percurso de exposição é linear.

Figura 64 – Planta baixa do Térreo



Fonte: HELM (2014)

Figura 65 – Planta baixa do segundo pavimento



Fonte: HELM (2014)

O térreo do projeto foi construído com painéis estruturais de concreto aparente e o pavimento superior com estrutura metálica com fechamento de um painel de várias camadas seladas e impermeabilizadas. O revestimento é em aço corten perfurado que abrange toda a edificação, atua como fachada ventilada e forma uma espécie de pele de revestimento texturizado de caligrafia (HELM, 2013).

Os ângulos da volumetria resultam também em variedade de formas nos ambientes internos (Figura 66 e Figura 67) que apresentam iluminação natural e onde o concreto aparente e o aço corten se misturam.

Figura 66 – Vista dos espaços internos



Fonte: HELM (2014)

Figura 67 – Vista das circulações



Fonte: HELM (2014)

Os maiores desafios do Museu de Monteagudo são o uso da topografia da montanha e a relação com o patrimônio do local. Por isso é relevante como ele se apropria horizontalmente dos espaços disponíveis de forma quase orgânica e através da película de aço corten, que torna o museu um elemento de importância para a cidade. É a mistura de materiais e formas que dá a qualidade estética do projeto, juntamente com a criação de espaços públicos e abertos que valorizam a paisagem do local.

5.2.2. Pavilhão da Espanha Expo Milão 2015 / Terradas Arquitectos

Arquiteto: Terradas Arquitectos

Localização: Expo Milão 2015/Itália

Área construída: 1.850 m²

O Pavilhão da Espanha na Expo Milão (Figura 68) fez parte do concurso que escolheu o melhor projeto para representar o país no evento. Trata-se de uma edificação temporária que busca expressar conceitos de inovação, sustentabilidade, diversidade e riqueza da Espanha (TERRADAS ARQUITECTOS, 2014).

Figura 68 – Acesso do Pavilhão da Espanha



Fonte: TERRADAS ARQUITECTOS, 2014.

Foi concebido com um sistema construtivo pré-fabricado e pretende prolongar a vida útil do edifício para além do evento, ao ser desmontado para retornar à Espanha na forma de equipamentos públicos. Esse sistema é composto por estruturas tridimensionais de aço que são empilhadas e interligadas e resultam nos espaços de exposição. Possui tempo de execução e preço final reduzido, é capaz de converter grandes espaços de exposições em módulos menores e adaptáveis e permite a sustentabilidade de todo o processo (TERRADAS ARQUITECTOS, 2014).

A composição dos módulos resulta em uma volumetria formada por espaços cheios e vazios, com adições e subtrações e variedade de vedações, o que torna a edificação mais dinâmica tanto pra quem a vê do exterior quanto pra quem realiza o percurso dentro dela. O uso da estrutura metálica e o projeto expográfico lúdico e interativo reforçam o caráter tecnológico do pavilhão, servindo como atrativo aos visitantes.

O pavilhão é concebido em forma de um U incompleto, com espaço de estar semi-aberto e com o passeio expositivo no corpo do edifício. O prédio se abre para o exterior e forma uma zona movimentada, utilizada para diversas atividades no que se configura um pátio resultante da volumetria (Figura 69). As fachadas se tornam elementos ativos e que dão vida aos espaços externos (Figura 70).

Figura 69 – Pátio do pavilhão

Fonte: TERRADAS ARQUITECTOS, 2014.

Figura 70 – Fachadas ativas

Fonte: TERRADAS ARQUITECTOS, 2014.

O tema da exposição é um passeio pela gastronomia da Espanha, através da diversidade de produtos e da inovação culinária do país. A diversidade espanhola é determinada pela sua biodiversidade, seus ecossistemas e seus climas, definidos por quatro paisagens que são objetos das exposições (TERRADAS ARQUITECTOS, 2014).

O acesso ao pavilhão se dá por uma rampa que se torna o percurso expositivo com apresentações audiovisuais (Figura 71) e que leva à área de informação e degustação. Há variações no pé-direito e a exposição é feita de forma lúdica e moderna (Figura 72), capaz de despertar o interesse dos visitantes.

Figura 71 – Rampa de acesso ao pavilhão

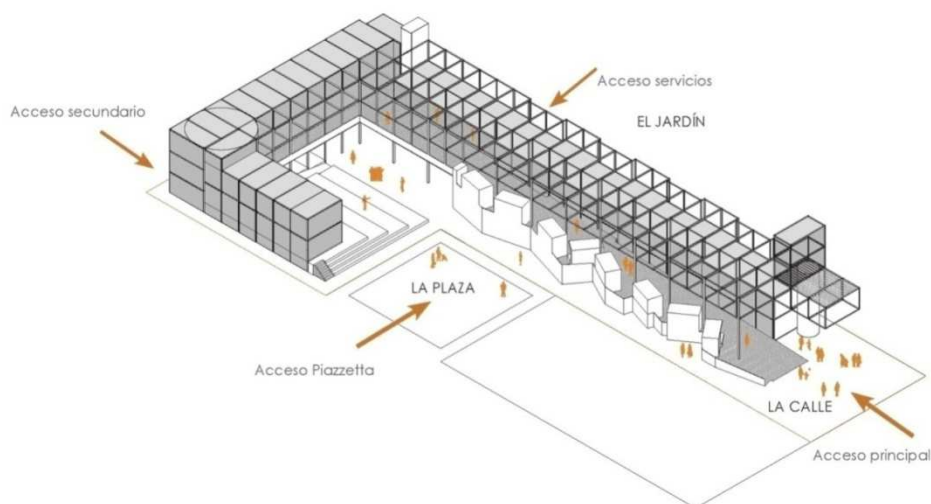
Fonte: TERRADAS ARQUITECTOS, 2014.

Figura 72 – Exposições lúdicas e modernas

Fonte: TERRADAS ARQUITECTOS, 2014.

No térreo existe uma praça com espaço de convivência e áreas multiuso abertas e internas. Na cobertura é proposto um jardim isolado que se torna um pequeno pedaço da natureza onde são desenvolvidas oficinas de gastronomia (TERRADAS ARQUITECTOS, 2014). A Figura 73 mostra a volumetria do pavilhão.

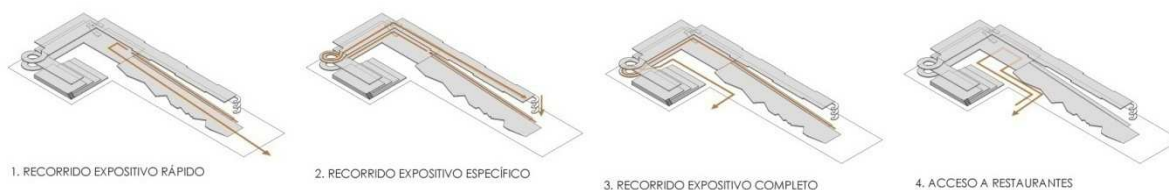
Figura 73 – Composição volumétrica do Pavilhão da Espanha



Fonte: TERRADAS ARQUITECTOS, 2014.

O percurso ocorre de forma linear ao longo da rampa e das circulações e permite passeios rápidos e de acordo com o interesse do visitante (Figura 74).

Figura 74 – Opção de percurso do Pavilhão



Fonte: TERRADAS ARQUITECTOS, 2014.

O uso de sistema construtivo e formas de exposição modernas são os principais destaques do projeto, junto com a dinâmica possível em sua composição formal. A materialidade da fachada, ora aberta, ora opaca, aliada a possibilidade de usá-la com elementos de projeção fortalecem a relação entre espaços internos e externos, fundamentais para a qualificação e apropriação de ambos os espaços. Logo, são essas características capazes de despertar o interesse do público para com o edifício e proporcionar o reconhecimento do visitante, principalmente quando aplicados materiais e elementos com os quais ele se identifica.

6 PROJETO PRETENDIDO

Este capítulo apresenta as principais características do projeto a ser desenvolvido no Trabalho Final de Graduação. Será apresentado o programa de necessidades do projeto, com indicação dos ambientes, suas áreas, suas descrições, além de indicar a fonte de consulta para a elaboração. Ainda, será feita uma revisão bibliográfica dos principais condicionantes museológicos necessários para a garantia da conservação do acervo e pleno funcionamento da instituição. Por fim, serão indicados exemplos e características de espaços expositivos e materiais e técnicas construtivas que se pretende utilizar no projeto para a Nova Sede do Museu Histórico de Nova Hartz.

6.1 PROGRAMA DE NECESSIDADES

O programa de necessidades do projeto pretendido foi construído com base principalmente no levantamento da estrutura existente do Museu Histórico de Nova Hartz, feito através do Estudo de Caso (Capítulo 3.2.3), e que demonstra a necessidade de salas mais amplas e que atendam as demandas de conservação e de armazenamento do acervo. Além disso, buscou-se referência nos ambientes e na funcionalidade dos projetos análogos e foram consideradas as características dos projetos referenciais formais, além de consulta a outras fontes de bibliografia. Outro ponto importante na proposta dos espaços foram as percepções apontadas no questionário aplicada com a comunidade (Capítulo 3.2.2), que permite uma representação real das expectativas dos usuários deste espaço.

Para dimensionamento dos ambientes foi considerado o principal público-alvo do museu hoje, que são alunos das escolas municipais. Como previsão de fluxo de pessoas, o pico máximo seria de 60 visitantes, equivalente a 3 turmas de 20 alunos ou 2 de 30 alunos. Os espaços do museu foram classificados em espaços públicos, espaços expositivos, serviços, espaços administrativos e circulação.

Os espaços públicos contemplam ambientes de acesso dos visitantes e para desenvolvimento dos programas de pesquisa e educação e ações culturais, promovendo o exercício das funções educativas, culturais e sociais do museu. São dimensionados conforme mostra a Tabela 4.

Tabela 4` – Quadro de áreas dos espaços públicos

| Espaços públicos | | | |
|--------------------------------|------------------------|---|---|
| Ambiente | Área (m ²) | Observações | Fonte |
| Hall de entrada | 100,00 | Recepção e informação com espaços de estar e balcão de atendimento, considerando pico máximo de 60 pessoas | Saguão de hotel = 1,4 m ² por pessoa (LITTLEFIELD, 2011) mais os espaços de atendimento |
| Sala multiuso | 150,00 | Sala única que pode ser dividida em três salas de 50m ² com mesas e cadeiras para atividades em grupo | Projeto análogo - Museu da Cachaça (JAZRA, 2013) |
| Sala de aula | 60,00 | Sala de aula para trinta alunos | 2m ² por aluno (NEUFERT, 2013) |
| Loja | 55,00 | Loja de pequeno porte para comercialização de lembranças e livros com piso máximo de 30 pessoas | 1,8 m ² por pessoa (LITTLEFIELD, 2011) |
| Bar/Café | 70,00 | Bar/Café com trinta acentos no saguão, com balcão de atendimento em fila única e servindo alimentos de conveniência frios e quentes | Por acento: 1,5 m ² no saguão + 0,4 m ² para balcão + 0,4 m ² para preparação de alimentos (LITTLEFIELD, 2011) |
| Sala de pesquisas e biblioteca | 140,00 | Sala de aula com mesas e cadeiras para grupos, computadores e acervo de 2000 livros mais zona de leitura | NEUFERT (2013) |
| Auditório | 160,00 | Para oitenta pessoas sentadas mais palco | Projeto análogo - Museu de Jundiá (DELAQUA, 2013) |
| Foyer | 120,00 | Espaços de estar e balcão de recepção que pode ser vinculado ao Hall de entrada | Projeto análogo - Museu de Jundiá (DELAQUA, 2013) |
| Sala de projeção | 10,00 | Espaço de trabalho para duas pessoas | Projeto análogo - Museu de Jundiá (DELAQUA, 2013) |
| ÁREA TOTAL | 865,00 | | |

Fonte: Elaborado pelo autor (2014)

O auditório foi dimensionado considerando a existência de um espaço de projeção com 307 lugares junto a Prefeitura Municipal de Nova Hartz, além do espaço para eventos da sede da Câmara de Vereadores. Logo, a sua capacidade pode ser reduzida e destinada a atividades menores e específicas do Museu.

Os espaços expositivos contemplam ambientes de exposições temporárias ou permanentes do acervo. Conforme o Estudo de Caso do Museu Histórico de Nova Hartz (Capítulo 3.2.2), o acervo é atualmente distribuído em três ambientes. A nova distribuição prevê ajustes para proporcionar espaços de circulação e observação mais confortáveis nas exposições existentes que contemplam o acervo relacionado à forma de morar do imigrante alemão e ao desenvolvimento econômico do município.

São propostas ainda 3 novas salas que surgiram a partir de demandas e expectativas vindas do Questionário aplicado com a comunidade (Capítulo 3.2.3).

Na primeira serão apresentadas aos visitantes através de maquete a morfologia do município, suas belezas naturais e características ambientais que podem ser identificadas como os principais pontos turísticos da cidade. Na segunda sala estará uma coletânea de fotografias históricas da cidade, que abrangem os diferentes momentos da formação da cidade, dando ênfase às pessoas que foram e que são responsáveis pela sua formação e desenvolvimento. Na terceira sala serão apresentadas projeções com os relatos de antigos moradores, vinculados aos projetos de registro de lembranças realizados atualmente pelo Museu. Estes espaços são dimensionados conforme mostra a Tabela 5.

Tabela 5 – Quadro de áreas dos espaços expositivos

| Espaços expositivos | | | |
|----------------------------|-----------------------------|--|-------------------|
| Ambiente | Área (m²) | Observações | Fonte |
| Exposições permanentes | 300,00 | Dividida em seis salas de 50m ² | Pesquisa de campo |
| Exposições temporárias | 60,00 | Uma sala de 60 m ² | Pesquisa de campo |
| ÁREA TOTAL | 360,00 | | |

Fonte: Elaborado pelo autor (2014)

Os espaços de serviço são compostos por ambientes de apoio para os demais setores do museu. São dimensionados conforme mostra a Tabela 6.

Tabela 6 – Quadro de áreas de espaços de serviço

| Serviços | | | |
|-------------------|-----------------------------|--|---|
| Ambiente | Área (m²) | Observações | Fonte |
| Sanitários | 80,00 | Número de sanitários por sexo: dois para espaços públicos, dois para exposições, três para auditório e dois para administração | Projeto análogo - Museu de Jundiá (DELAQUA, 2013) |
| Rouparia | 15,00 | Uma sala junto ao hall com armários | Projeto análogo - Museu da Cachaça (JAZRA, 2013) |
| Depósito | 20,00 | Duas salas de 10m ² para armários | Projeto análogo - Museu de Jundiá (DELAQUA, 2013) |
| Almoxarifado | 10,00 | Uma sala junto a administração com armários | Projetos análogos |
| Copa | 15,00 | Uma copa para funcionários com pia, fogão e mesa de quatro lugares | Projeto análogo - Museu de Jundiá (DELAQUA, 2013) |
| Sala de máquinas | 10,00 | Ar - condicionado | Projeto análogo - Museu da Cachaça (JAZRA, 2013) |
| Vestiários | 20,00 | Um sanitário mais uma ducha por sexo | Projeto análogo - Museu de Jundiá (DELAQUA, 2013) |
| Lixeira | 20 | Local para armazenamento de resíduos | Projeto análogo - Museu de Jundiá (DELAQUA, 2013) |
| ÁREA TOTAL | 190,00 | | |

Fonte: Elaborado pelo autor (2014)

Os espaços de administrativos consideram ambientes para a realização dos trabalhos desenvolvidos pelos profissionais do museu. São dimensionados conforme mostra a Tabela 7.

Tabela 7 – Quadro de áreas de espaços administrativos

| Espaços administrativos | | | |
|------------------------------------|-----------------------------|---|--|
| Ambiente | Área (m²) | Observações | Fonte |
| Direção | 20,00 | Espaço de trabalho e atendimento para uma pessoa | Projeto análogo - Museu de Jundiá (DELAQUA, 2013) |
| Administração | 60,00 | Espaço de trabalho para seis profissionais | Projeto análogo - Museu da Cachaça (JAZRA, 2013) |
| Curador | 20,00 | Espaço de trabalho e atendimento para uma pessoa | Projeto análogo - Museu de Jundiá (DELAQUA, 2013) |
| Oficina de higienização e restauro | 60,00 | Dois espaços de trabalho mais local para armazenamento de materiais | Projeto análogo - Museu de Jundiá (DELAQUA, 2013) |
| Reserva técnica | 80,00 | Local para armazenamento do acervo | Média entre os dois projetos análogos e adequação ao atual |
| Sala de reunião | 30,00 | Para oito pessoas | Projeto análogo - Museu de Jundiá (DELAQUA, 2013) |
| ÁREA TOTAL | 270,00 | | |

Fonte: Elaborado pelo autor (2014)

As circulações contemplam espaços de ligação entre os diversos ambientes do museu. São dimensionados conforme mostra a Tabela 8.

Tabela 8 – Quadro de áreas de circulação

| Circulação | | | |
|-------------------|-----------------------------|---|--|
| Ambiente | Área (m²) | Observações | Fonte |
| Circulação | 360,00 | Acréscimo de 20% da área total dos demais ambientes | Média da porcentagem da circulação dos projetos análogos |
| ÁREA TOTAL | 360,00 | | |

Fonte: Elaborado pelo autor (2014)

A Tabela 9 apresenta o resumo com o total da área internas do projeto:

Tabela 9 – Quadro de áreas resumo

| Quadro de áreas totais (m²) | |
|---|----------------|
| Espaços públicos | 865,00 |
| Exposições | 360,00 |
| Serviços | 190,00 |
| Espaços administrativos | 270,00 |
| Circulação | 360,00 |
| ÁREA TOTAL | 2045,00 |

Fonte: Elaborado pelo autor (2014)

Além dos ambientes que serão citados, a análise de referenciais aponta a importância de se vincular espaços públicos abertos ao museu, capazes de reforçar sua vocação comunitária e permitir identificação e apropriação da população. Portanto, o projeto deve prever a integração com a Praça do Trabalhador, abrangendo sua atuação aos locais de estar e convivência e ao anfiteatro na realização de atividades externas.

Deve ser previsto ainda, conforme o Plano Diretor municipal, uma vaga de estacionamento de veículo para cada 200 m² edificados (cerca de 10 vagas), além de estacionamento para ônibus.

6.2 CONDICIONANTES MUSEOLÓGICOS

A conservação das peças do acervo de um museu pressupõe sua guarda, transporte e exposição em condições adequadas, para que seja garantida a integridade dos objetos. Para tanto, é necessário considerar alguns condicionantes ambientais, como qualidade da atmosfera, umidade relativa, temperatura do ambiente e iluminação (COSTA, 2006).

6.2.1. Qualidade da atmosfera

A qualidade da atmosfera se relaciona com as impurezas que contém o ar e que variam de acordo com o local (cidade ou campo) e estação do ano. Encontram-se em suspensão na atmosfera, poeira, areia, fuligem, gases e outros elementos, que se depositam sobre os objetos, atacando-os. A poeira é um dos principais problemas por resulta em acúmulo de impurezas, ativação da deterioração mecânica e causa a ação de agentes bacteriológicos (COSTA, 2006).

Para evitar os danos causados às peças expostas, é necessária limpeza constante, evitando assim o depósito de impurezas e deve-se manter os vidros das janelas fechados. Quando for necessário abri-las, é aconselhável colocar uma tela protetora de arame para evitar a entrada de insetos, ou tela em tecido cru, que, além de funcionar na filtragem do ar, evitará também a incidência direta de raios solares sobre os objetos. As vitrinas de armazenamento de objetos devem ser bem vedadas, salvo quando abrigarem artefatos de madeira, objetos orgânicos ou inorgânicos porosos, como cerâmicas, madeira, tecido e papel (COSTA, 2006).

6.2.2. Iluminação

De modo geral, os museus utilizam tanto a luz natural (sol), como artificial (lâmpadas incandescentes e tubos fluorescentes). A iluminação, tanto natural como artificial, emite radiações visíveis e invisíveis: as ultravioletas e as infravermelhas. Quando a exposição à luz é prolongada ou excessiva podem causar grandes danos cumulativos e irreversíveis aos objetos, como amarelamento, ressecamento, descoloração, destruição (COSTA, 2006).

Tabela 10– Sensibilidade dos materiais em relação à iluminação

| Materiais | Intensidade de iluminação para peças em bom estado de conservação |
|---|--|
| Materiais extremamente sensíveis: papéis, desenhos, aquarelas, pastéis, livros, pinturas, fotografias, couros tingidos, peles, encadernações, têxteis, tapeçarias, tecidos, indumentárias, plumas e penas, espécimes de história natural. Intensidade de iluminação: | Entre 5 a 50 lúmen |
| Materiais sensíveis: madeira pintada, pinturas a óleo ou têmpera, couro natural, chifre, laca | Entre 150 a 300 lúmens |
| Materiais pouco afetados: pedras, cerâmicas, metais e ligas | Superior a 300 lúmens |

Fonte: Adaptado de COSTA, 2006

Alguns cuidados indispensáveis na proteção dos objetos contra os efeitos da luminosidade, como evitar que as lâmpadas incandescentes sejam colocadas perto dos objetos expostos ou deve-se usar filtros para radiação ultravioleta (COSTA, 2006). Não deverá haver incidência de raios solares diretamente sobre os objetos expostos e os espaços de exposições devem apresentar sistema de iluminação flexível, nenhuma luminária embutida, nenhuma luminária fixa de parede ou teto. As radiações UV não podem ultrapassar 25 W/m² e as áreas de exposições devem ter sistemas que permitam seu escurecimento completo durante o tempo em que o museu não estiver aberto à visitação (NEUFERT, 2014).

Pode-se ainda utilizar películas protetoras que proporcionam a redução da luminosidade (por exemplo, o “Insulfim” usado em automóveis) sem que interfira na aparência externa do prédio (COSTA, 2006). Nos espaços abertos ao público e onde não ocorrem exposições o uso de iluminação natural é desejado (NEUFERT, 2014).

Como o olho humano possui uma capacidade limitada de se adaptar às mudanç as de brilho deve-se evitar mudanç as bruscas no nível de iluminação e contrastes extremos de brilho no campo de visão dos visitantes   medida que eles

percorrem o museu. Porém, deve haver um grau razoável de contraste em condições de baixa iluminação para evitar a monotonia e problemas de acomodação visual (LITTLEFIELD, 2011).

6.2.3. Umidade e temperatura

As peças sofrem também danos causados pela umidade e temperatura. A boa conservação exige uma atmosfera climática relativamente constante, sem modificações bruscas que provocam fenômenos de dilatação e contração dos materiais, acelerando seu envelhecimento (COSTA, 2006).

O excesso de umidade pode provocar entortamento de painéis de madeira e marfim, amolecimento das colas, azulamento e embaçamento dos vernizes, formação de mofos e bactérias, apodrecimento de telas e madeiras e corrosão dos metais. Já a falta provoca rachaduras das madeiras, marfins e encadernações, substâncias adesivas se tornam quebradiças e as fibras arrebentam (COSTA, 2006).

A umidade relativa em depósitos e áreas de exposições depende do material exposto ou armazenado:

Tabela 11 – Níveis de umidade relativa recomendados de acordo com os tipos de materiais

| Materiais | Níveis de umidade relativa recomendados |
|--|--|
| Armas, metais | 15 a 40%, de acordo com o estado do metal e a oxidação. Os componentes em madeira requerem proteção especial. |
| Madeiras pintadas e envernizadas | 45 a 60%. Nessa categoria estão os instrumentos musicais, maquetes, objetos de decoração, cujo material principal seja a madeira pintada ou revestida |
| Cerâmicas, terracota, pedra | 20 a 60%. |
| Vestuário e têxteis, tapetes e tapeçarias | 30 a 50%. A seda e a lã sofrem mais com a umidade do que o algodão e o linho. Os tecidos pintados são também extremamente sensíveis às mudanças da umidade. Os tecidos sintéticos são menos sensíveis. |
| Couro | 45 a 60% |
| Material etnográfico e plumária | 40% |
| Materiais plásticos | 30 a 50% |
| Mobiliário | 40 a 60% |
| Papel | 40 a 60% |
| Pintura sobre madeira e escultura policromadas | 45 a 60% |
| Pintura sobre tela | 40 a 55% |
| Fotografias/filmes | 30 a 45% |
| Moedas | 20 a 40% |
| Vidro | 40 a 60% |

Fonte: Adaptado de COSTA, 2006

Nas áreas de depósito e exposição, as temperaturas no inverno variam entre 15°C e 18°C (temperatura abaixo de 13°C são inadequadas), no verão podem ser de 20° a 22°C (não deve haver aumentos bruscos acima de 26°C). Material arquivado de fotografia e filme é quimicamente instável, devendo ser depositado em ambiente seco e fresco, com temperaturas abaixo de 16°C (NEUFERT, 2014).

6.3 PROJETOS EXPOGRÁFICOS

Para a maioria dos visitantes as exposições são o museu e o projeto expográfico deve ser feito com atenção e imaginação, para poder inspirar, surpreender e educar. Para não se tornarem cansativos para os visitantes, o ideal é que os museus promovam a exploração do seu acervo através da descoberta e sem restrições de caminhos (FERNANDES, 2001).

Figura 75 – Exposições interativas



Fonte: ARCH DAILY, 2014b

O público-alvo é parte essencial ao se tomar decisões práticas sobre as exposições. Para isso, são considerados os objetos a serem expostos, o roteiro, o estilo e o tamanho dos textos informativos, além do “design” e a distribuição das peças no espaço físico (FERNANDES, 2001).

Algumas características devem ser consideradas na montagem da exposição. Objetos de pequeno e médio porte devem ser expostos em vitrinas com etiqueta informativa ao lado de cada peça, atentando-se a quantidade de objetos em cada vitrina (COSTA, 2006).

Figura 76 – Vitrinas expositivas

Fonte: ATELIER BRUECKNER, 2014

Quando a exposição for de obras de grande porte, deve haver espaço de circulação entre as obras, para que o visitante possa visualizá-las por completo. Para obras de médio ou pequeno porte, é necessária uma base ou pedestal, como caixa de madeira ou compensado, em formato quadrado ou retangular e com 50 cm de altura, revestida ou pintada em tons neutros (COSTA, 2006).

Pinturas, fotografias e objetos bidimensionais devem ser alinhados pela base na posição horizontal, com a mesma distância entre eles e com etiquetas à direita, logo abaixo da moldura. O centro do objeto deve ficar aproximadamente na altura do olhar do observador (COSTA, 2006). Fotografias devem ser fixadas sob “passe-partout” ou “borda francesa”, para que não colem no vidro. A iluminação deve ser indireta para que a luz não incida diretamente sobre a obra e cause reflexo e dificulte visualização (COSTA, 2006).

Figura 77 – Exemplo de exposição fotográfica

Fonte: ARCH DAILY, 2014a

Logo, os projetos expográficos se tornam parte essencial em um projeto de museu e merecedores de diversos cuidados, tanto nas exposições permanentes quanto nas temporárias. Deve se considerar o porte dos objetos, a forma que serão expostos, a comunicação visual, a iluminação, a fruição do público dentro dos espaços e a conservação do acervo. Os recursos utilizados devem considerar a clareza e o acesso universal às informações, e deve tirar proveitos de elementos interativos e tecnológicos proporcionando uma experiência integral da vivência museológica.

6.4 MATERIAIS E TÉCNICAS CONSTRUTIVAS

A fim de identificar possíveis materiais e técnicas construtivas a serem utilizadas no projeto pretendido, foram identificados três critérios para pesquisas dos mesmos.

O primeiro critério para a pesquisa de materiais e técnicas construtivas são materiais que fazem referência a arquitetura vernácula dos imigrantes alemães, criando uma construção adaptada ao entorno, autêntica, autossuficiente e com baixo conteúdo energético (OLIVEIRA, 2011). A arquitetura em Enxaimel produzida pelos imigrantes alemães é recorrente no patrimônio histórico do município de Nova Hartz. Consiste em uma trama de madeira aparelhada com peças horizontais, verticais e inclinadas, que formam paredes estruturadas e encaixadas entre si e que são preenchidos com taipa, tijolos, adobe ou pedra (OLIVEIRA, 2011). A arquitetura em Enxaimel até hoje impressiona por sua clareza estrutural, harmonia de proporções e sua adequação a escala humana (WEIMER, 1977 apud OLIVEIRA, 2011).

O segundo critério são pressupostos sustentáveis visando uma edificação mais eficiente e ambientalmente favorável (OLIVEIRA, 2011). O terceiro critério são técnicas que trazem características de modernidade capazes de tornar o projeto mais atrativo. Portanto, dentre os materiais possíveis de serem utilizados no projeto do Novo Museu Histórico de Nova Hartz estão:

(1) A madeira, utilizada na composição dos quadros montados apenas com encaixes da arquitetura em Enxaimel (OLIVEIRA, 2011) e que é um material resistente, durável, leve e fácil de trabalhar. Além disso, oferece uma beleza natural e é quente a vista e ao toque (CHING, 2010). O aspecto físico da madeira é capaz de promover uma melhor relação entre edificação e entorno além de ela se destacar

também por ser um material renovável e que causa menos impacto ambiental quando utilizada de maneira responsável (Figura 78).

(2) O barro foi a técnica mais tradicional para o preenchimento dos tramos do Enxaimel, devido a sua abundância e facilidade de ser encontrado e utilizado e era sempre associado com fibras. Aparece também na forma de adobe que são os blocos de barro produzidos a mão em moldes preenchidos com barro e secados ao ar livre, na argamassa de assentamento e na forma de taipa. A técnica de taipas é utilizada associada a tecnologia e pode ser executada de forma mecanizada (Figura 79). É uma alternativa viável não só do ponto de vista ecológico, como também econômico, principalmente em locais onde, por razões climáticas, existe grande necessidade de isolamento térmico (OLIVEIRA, 2011).

Figura 78 – Monastério em Trauta com estrutura de madeira



Fonte: ARCHDAILY, 2008

Figura 79 – Casa em Luanda feito com taipa de pilão



Fonte: LIMA, 2014

(3) Os tijolos eram muito utilizados pelos imigrantes no Rio Grande do Sul, que construía um forno artesanal, fazendo um buraco no chão e realizando a queima e produção de tijolos que atendessem às suas necessidades (OLIVEIRA, 2011). Quando utilizado de forma aparente resulta em efeitos de cor e textura (Figura 80).

(4) O concreto é feito misturando-se cimento com vários agregados minerais e água e vinculado a armaduras de aço. Pode ser moldado em qualquer formato e ter diversos tipos de acabamento e textura (CHING, 2010) (Figura 81).

Figura 80 – Residência em Harold Street com fechamento vazado de tijolos



Fonte: ARCHDAILY, 2013

Figura 81 – Museu Clyfford Still em concreto aparente



Fonte: ARCHDAILY, 2012

(5) O aço é utilizado em estruturas leves e pesadas, bem como em grande variedade de produtos na edificação, como painéis de vedação (CHING, 2010) (Figura 82). A estrutura em aço (Figura 83) é ideal para se vencer grandes vãos, é indicada nos casos onde há necessidade de adaptações e ampliações além de tornar mais fácil a passagem de utilidades como água, ar condicionado, eletricidade, esgoto, telefonia e informática. Ainda, a estrutura em aço é menos agressiva ao meio ambiente e 100% reciclável (CBCA, 2014).

Figura 82 – Musée Soulages com fechamento em aço corten



Fonte: RODEZ, 2014

Figura 83 – Casa Grelha com estrutura de aço



Fonte: FERNANDES, 2013

7 NORMAS TÉCNICAS

As Normas Brasileiras Regulamentadoras são responsáveis por estabelecer critérios e parâmetros técnicos destinados a assegurar a qualidade, desempenho e proteção da vida humana, da saúde e do meio ambiente e são emitidas no Brasil pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). As principais normas que impactam o projeto pretendido são a NBR 9077 que garante a proteção do usuário do edifício através de definições de saídas de emergências e a NBR 9055 que busca garantir a acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos.

7.1 NBR 9077 – SAÍDAS DE EMERGÊNCIA EM EDIFÍCIOS

A NBR 9077, de dezembro de 2001, estabelece as condições de edificações para que sua população possa abandoná-la, em caso de incêndio, completamente protegida em sua integridade física e para permitir o fácil acesso de bombeiros para o combate ao fogo e a retirada da população. Segundo a NBR a norma o projeto proposto apresenta as seguintes classificações:

Tabela 12 – Classificações da edificação

| Classificação | Grupo | Código | Descrição |
|------------------------------|--|--------|--|
| Ocupação | Local para reunião de público | F-2 | Local onde há objetos de valores inestimáveis - Museu |
| Altura | Edificações baixas | L | $H \leq 6,00$ m |
| Dimensões de planta | De grande pavimento | Q | ≥ 750 m ² |
| Características construtivas | Edificações com mediana resistente ao fogo | Y | Edificações com estrutura resistente ao fogo, mas com fácil propagação de fogo entre os pavimentos |

Fonte: Adaptado pelo autor de NBR 9077 (2001)

Com base nessas características algumas exigências são observadas. As saídas de emergência serão dimensionadas pela fórmula que divide a população da edificação, que para o museu é uma pessoa por 3,00 m² de área, pela capacidade da unidade de passagem onde deve-se considerar 100 para acessos, descargas e portas e 75 para escadas e rampas. Ainda, são necessários no mínimo 2 saídas com distância máxima a ser percorrida, sem chuveiros automáticos, de 20,00m e escada do tipo enclausurada protegida (NBR 9077, 2001).

7.2 NBR 9050 – ACESSIBILIDADE A EDIFICAÇÕES, MOBILIÁRIO, ESPAÇOS E EQUIPAMENTOS URBANOS

A NBR 9050 de maio de 2004 estabelece critérios e parâmetros técnicos às condições de acessibilidade e de percepção do ambiente e visa proporcionar a utilização de maneira autônoma e segura de edificações, mobiliário, equipamentos urbanos e elementos do ambiente à todas as pessoas, independentemente de idade, estatura ou limitação de mobilidade ou percepção.

Quando se fala em percepção ambiental alguns critérios se aplicam diretamente ao projeto de um museu, principalmente aos espaços de exposição, no que se referem a ações de circulação e visualização (NBR 9055, 2004). Os ângulos visuais e características de sinalizações e são aplicáveis em espaços expositivos e nas notas informativas dos objetos e são apresentados na Tabela 13:

Tabela 13 – Critérios de percepção do ambiente

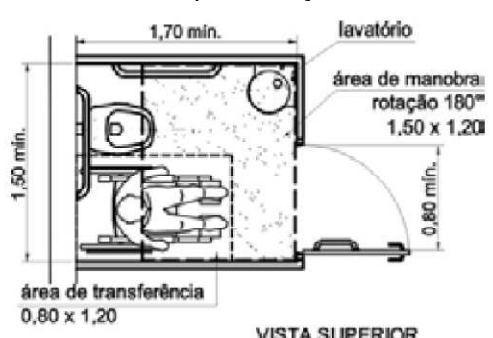
| PARÂMETROS VISUAIS | | |
|---|---|--|
| Ângulos visuais nos planos vertical (pessoa em pé e sentada) e horizontal: | | |
| | | |
| Cones visuais da pessoa em pé | Cones visuais da pessoa em pé | Cones visuais da pessoa em cadeira de rodas |
| SINALIZAÇÃO VISUAL | | |
| <p>As informações dirigidas às pessoas com baixa visão devem utilizar texto em fonte tamanho 16, com traços simples e uniformes em cor preta sobre fundo branco. Recomenda-se a combinação de caixas alta e baixa</p> | | |
| | <p>Vista superior Distância no plano horizontal</p> | |

Fonte: Adaptado de NBR 9050 (2004)

As dimensões referenciais apresentadas para deslocamento em linha reta de pessoas em cadeiras de rodas são: 0,90 m para uma pessoa em cadeira de rodas; 1,2 a 1,5 m para um pedestre e uma pessoa em cadeira de rodas; e 1,5 a 1,8 m para duas pessoas em cadeiras de rodas. As rampas de acesso e circulação devem ter inclinação de até 8,33% e devem ser previstas áreas de descanso nos patamares a cada 50 m de percurso. As larguras mínimas para corredores em edificações e equipamentos urbanos são: 0,90 m para corredores de uso comum com extensão até 4,00 m; 1,20 m para corredores de uso comum com extensão até 10,00 m e 1,50 m para corredores com extensão superior a 10,00 m ou de uso público (NBR 9055, 2004).

Outros parâmetros para ambientes presentes no programa de necessidades do museu proposto são demonstrados na Tabela 14.

Tabela 14 – Critérios de percepção do ambiente

| SANITÁRIOS E VESTIÁRIOS | |
|---|---|
| <p>Os sanitários e vestiários de uso comum ou uso público devem ter no mínimo 5% do total de cada peça instalada acessível, respeitada no mínimo uma de cada. Quando houver divisão por sexo, as peças devem ser consideradas separadamente para efeito de cálculo. Recomenda-se a instalação de uma bacia infantil para uso de crianças e de pessoas com baixa estatura.</p> | <p>Os boxes para bacia sanitária devem garantir as áreas para transferência diagonal, lateral e perpendicular, bem como área de manobra para rotação de 180°</p>  <p style="text-align: center;">VISTA SUPERIOR</p> |
| AUDITÓRIOS | |
| <p>Devem possuir, na área destinada ao público, espaços reservados para pessoa em cadeira de rodas, assentos para pessoa com mobilidade reduzida e assentos para pessoa obesa, estar localizados em uma rota acessível vinculada a uma rota de fuga garantir conforto, segurança, boa visibilidade e acústica. Ao auditório do projeto proposto se aplica:</p> | |
| <p>Para locais de 51 a 100 assentos</p> | <p>Três espaços para pessoas com cadeiras de rodas Um assento para pessoa com mobilidade reduzida Um assento para pessoa obesa</p> |
| BALCÕES DE ATENDIMENTO | |
| <p>Os balcões de vendas ou serviços devem ser acessíveis a pessoa em cadeira de rodas, devendo estar localizados em rotas acessíveis.</p> | |
| <p>Área de aproximação</p> | <p>Uma parte da superfície do balcão, com extensão de no mínimo 0,90m Altura de no máximo 0,90m do piso</p> |
| <p>Aproximação frontal</p> | <p>Altura livre inferior de no mínimo 0,73m do piso Profundidade livre inferior de no mínimo 0,30m</p> |
| <p>Fonte: Adaptado de NBR 9050 (2004)</p> | |

8 CONCLUSÃO

A realização da Pesquisa de Trabalho de Conclusão permitiu entender o quão importante e abrangente pode ser o impacto de uma instituição museológica dentro da comunidade em que se insere. A revisão sobre os conceitos que museus indicam a necessidade de uma maior participação da população, que em longo prazo é capaz de criar uma sociedade que reconhece a importância de sua história e que constrói um futuro justo, democrático e sustentável.

Logo, é necessária uma museologia cada vez mais integrada com questões sociais e isso acontece quando a instituição cumpre o seu dever de preservação e valorização da história, das memórias, das vivências e das tradições do local. As ações desenvolvidas no museu (exposições, palestras, seminários, oficinas, entre outras) devem estar fortemente identificadas com as expectativas do seu público, demonstrando que é uma instituição que está a serviço da comunidade. Para isso, o museu deve ser visto como um local que amplia a visão que o indivíduo tem do mundo, através da apreciação da história e da cultura.

Especialmente, este equipamento pode promover a criação de um marco cultural em uma cidade onde há carência desse tipo de espaço, aumentando o interesse de visitantes externos ou da própria cidade, promovendo o turismo e a economia local. O museu deve se comunicar com o seu entorno e com seu público e oferecer espaços e serviços que promovam a cultura e a educação à comunidade em sua totalidade. Em uma sociedade cada vez mais informatizada, é necessário ainda que sejam propostos espaços tecnológicos e lúdicos e que a visita seja vista como uma experiência espontânea, criativa e interativa, que estimule a curiosidade e o desejo por conhecimento.

Por fim, ressalta-se a importância do trabalho desenvolvido pelo atual museu, que mesmo com carências em seu espaço físico e poucos investimentos, considera os bens culturais no município em sua totalidade, ao promover ações de preservação e restauração do patrimônio que servem como extensões da instituição. Sua atuação junto às escolas e com a comunidade transmite para as novas gerações o esforço e o trabalho daqueles que contribuíram para o desenvolvimento de cidade, continuando assim, a escrever a história de Nova Hartz.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Adriana Mortara. **Desafios da relação museu-escola**. Comunicação e Educação, Nº 10. São Paulo, 1997. Disponível em: <www.revistas.usp.br/comueduc/article/viewFile/36322/39042>. Acesso em: Set. 2014.
- ARCHDAILY. **Clyfford Still Museum** / Allied Works Architecture. 2012. Disponível em: <<http://www.archdaily.com/?p=203388>>. Acesso em: Nov. 2014.
- ARCHDAILY. **Harold Street Residence** / Jackson Clements Burrows Architects. 2013. Disponível em: <<http://www.archdaily.com/?p=321753>>. Acesso em: Nov. 2014.
- ARCHDAILY. **Museo Arqueológico Nacional** / Frade Arquitectos. 2014a. Disponível em: <<http://www.archdaily.com/?p=506138>>. Acesso em: Nov. 2014.
- ARCHDAILY. **Suresnes Museum of Urban and Social History** / Encore Heureux + AAVP. 2014b. Disponível em: <<http://www.archdaily.com/?p=468467>>. Acesso em: Nov. 2014.
- ARCHDAILY. **Tautra Monastery** / JSA. 2008. Disponível em: <<http://www.archdaily.com/?p=1835>>. Acesso em: Nov. 2014.
- ARCHDAILY BRASIL. **Museu da Cachaça** / Jô Vasconcelos. 2014. Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/627504/museu-da-cachaca-jo-vasconcelos>>. Acesso em: Out. 2014.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 9050**: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. Rio de Janeiro, 2004.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 9077**: Saída de Emergência em edifícios. Rio de Janeiro, 2001.
- ATELIER BRUECKNER. **SMAC – Staatliches Museum für Archäologie Chemnitz**. 2014. Disponível em: <<http://www.atelier-brueckner.com/nc/projekte/museen/smac-staatliches-museum-fuer-archaeologie-chemnitz.html>>. Acesso em: Nov. 2014.
- ATLAS BRASIL. **Perfil Municipal – Nova Hartz/RS**. Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil/nova-hartz_rs>. Acesso em: Set. 2014.
- BEMVENUTTI, Alice. **Museus e educação em museus** – história, metodologias e projetos, com análises de casos: Museu de Arte Contemporânea de São Paulo, Niterói e Rio Grande do Sul. 2004. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais). Instituto de Artes. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2004.
- BRASIL. **Lei 11.904**, de 14 de janeiro de 2009 - Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Publicada no Diário Oficial da União em 14 de Janeiro de 2009.

BRUNO, Joana Sarmet Cunha. **O Museu de Arte Contemporânea de Niterói, RJ: uma estratégia de promoção da imagem da cidade**. Revista Brasileira de estudos urbanos e regionais, v. 4, Nº1/2. 2002. Disponível em: <anpur.org.br/revista/rbeur/index.php/rbeur/article/download/77/61>. Acesso em: Set. 2014.

BRITTO, Luciana Dultra. **Museu da cidade: arte, historia e espetáculo**. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Artes). Instituto de Arte. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2008. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000466115>>. Acesso em: Set. 2014.

CARVALHO, Paulo. **Patrimónios e Lazeres Turísticos**. EUMED (Universidade de Málaga – Espanha). 2012. Disponível em: <www.eumed.net/libros-gratis/2012b/1225/>. Acesso em: Set. 2014.

CBCA, Centro Brasileiro de Construção em Aço. **Construção em aço: Vantagens**. Disponível em: <<http://www.cbca-acobrasil.org.br/site/construcao-em-aco-vantagens.php>>. Acesso em: Nov. 2014.

COSTA, Evanise Pascoa. **Princípios básicos da museologia**. Curitiba: Coordenação do Sistema Estadual de Museus/Secretaria de Estado da Cultura, 2006.

CHING, Francis D. K. **Técnicas de construção ilustradas**. 4.ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

DAROS, Marília; SOBRINHO, Paulo Gilberto Mossmann. Nova Hartz Entre o Vale dos Sinos e os Caminhos da Serra: Ligações Oficiais e Caminhos do Cotidiano. In: FUHR, Roseli Jacinta (Org.) et al. **Raízes de Nova Hartz**. 1v. Novo Hamburgo: Um Cultural, 2012.

DELAQUA, Victor. **Museu Histórico e Cultural de Jundiá – Solar do Barão / AUM Arquitetos**. 16 Maio 2013. ArchDaily Brasil. Disponível em <<http://www.archdaily.com.br/83128/museu-historico-e-cultural-de-jundiai-solar-do-barao-aum-arquitetos>>. Acesso em: Out. 2014.

DUARTE, Alice. **Nova Museologia: os pontapés de saída de uma abordagem ainda Inovadora**. Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, V. 6, Nº 1. 2013. Disponível em: <<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/248/239>>. Acesso em: Set. 2014.

FEIBER, Silmara Dias; BAHL, Miguel. **Patrimônio arquitetônico: as atrações âncora que fomentam o turismo cultural**. Faculdade Assis Gurgacz. Cascavel, 2000. Disponível em: <www.fag.edu.br/admfag/php/arquivo/1322748218.pdf>. Acesso em: Set. 2014.

FERNANDES, Maria Luiza Pacheco. **Planejamento de Exposições / Museums and Galleries**. Série Museologia. V.2. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

FERNANDES, Gica. **Casa Grelha / FGMF**. 2013. ArchDaily Brasil. Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/18458/casa-grelha-fgmf>>. Acesso em: Nov. 2014.

FGV Projetos. **Plano de Desenvolvimento do Turismo do Rio Grande do Sul**: 2012-2015. Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<http://bit.ly/1asZent>>. Acesso em: Set. 2014.

GIRAUDY, Danièle. BOUILHET, Henri. **O museu e a vida**. Porto Alegre: IEL, 1990.

GOOGLE MAPS. **Nova Hartz/RS**. Imagem satélite, colorida. Diferentes Escalas. 2013a. Disponível em: <<https://www.google.com/maps>>. Acesso em: Out. 2013.

GOOGLE MAPS. **Salinas/MG**. Imagem satélite, colorida. Diferentes Escalas. 2013b. Disponível em: <<https://www.google.com/maps>>. Acesso em: Out. 2013.

GOMES, Maria de Fátima Figueiredo Faria. **O museu como vetor da inclusão cultural**. Dissertação (Mestrado em museologia). Departamento de Museologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Lisboa, 2010. Disponível em: <www.museologia-portugal.net/files/upload/.../maria_fatima_farias.pdf>. Acesso em: Set. 2014.

GROFF, Denize. A Trajetória do Museu Histórico de Nova Hartz. In: FUHR, Roseli Jacinta (Org.) et al. **Raízes de Nova Hartz**. 2v. Novo Hamburgo: Um Cultural, 2012.

HELM, Joanna. **Museu Monteagudo / Amann Cánovas Maruri**. 15 Maio 2013. ArchDaily Brasil. Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/22392/museu-monteagudo-amann-canovas-maruri>>. Acesso em: Out. 2014.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - **Nova Hartz**. Disponível em <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=431306&search=rio-grande-do-sul|nova-hartz>>. Acesso em: Set. 2014.

ICOM RIO. **Tema da conferência**. 2013. Disponível em:<<http://www.icomrio2013.org.br/pt/conference-theme>>. Acesso em: Set. 2014

ISRAEL, Karina Pinheiro. **Informação e Tecnologia nos Museus Interativos do Contemporâneo**. Dissertação (Pós-graduação em Cultura, Mídia e Informação) Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação. Escola de Comunicação e Artes. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011. Disponível em: <www.usp.br/celacc/ojs/index.php/blacc/article/view/285/292>. Acesso em: Set. 2014.

KIEFER, Flávio. **Arquitetura de museus**. Em: Arqtexto/UFRGS. Faculdade de Arquitetura. –v.1, Nº 1. Departamento de Arquitetura, PROPARG. Porto Alegre, 2002. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/PDFs_revista_1/1_Kiefer.pdf>. Acesso em: Set. 2014.

KOLONIE HARTZ FEST. **Histórico**. Associação Cultura de Nova Hartz. 2014. Disponível em: <<http://koloniehartzfest.blogspot.com.br/>>. Acesso em: Set. 2014.

LEITE, Sérgio; PRIAMO, Vania Ines Avila. Pesquisas Arqueológicas em Nova Hartz. In: FUHR, Roseli Jacinta (Org.) et al. **Raízes de Nova Hartz**. 1v. Novo Hamburgo: Um Cultural, 2012.

LIMA, Maurício. **Projeto de casa em taipa de pilão vence concurso da Trienal de Arquitetura de Lisboa**. Piniweb. 19 Out. 2014. Disponível em: <<http://piniweb.pini.com.br/construcao/arquitetura/projeto-de-casa-em-taipa-de-pilao-vence-concurso-realizado-189363-1.aspx>>. Acesso em: Nov. 2014.

LITTLEFIELD, David. **Manual do arquiteto: planejamento, dimensionamento e projeto**. 3ed. Porto Alegre: Bookman, 2011.

MARTINS, Antonio Carlos. **Arquitetura de museus: Articulando saberes**. XIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB 2013). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2013. Disponível em: <<http://200.20.0.78/repositorios/handle/123456789/2511>>. Acesso em: Set. 2014.

MONTANER, Josep Maria. **Museus para o Século XXI**. Barcelona: Gustavo Gili, 1995.

MUSEUM ASSOCIATION. **Museums Change Lives**. Londres, 2013. Disponível em: <www.museumsassociation.org/museums-change-lives>. Acesso em: Set. 2014.

NEIVA, Simone; PERRONE Rafael Antonio Cunha. **A forma e o programa dos grandes museus internacionais**. Pós - Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP, v.20, n.34. São Paulo, 2013. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/posfau/article/view/81046>>. Acesso em: Set. 2014.

NEUFERT, Ernst. **Arte de projetar em arquitetura**. 18.ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

NOVA HARTZ. **Plano Diretor de Desenvolvimento Territorial e Ambiental (Lei 1450/09)**. CD Encartado de Mapas Ilustrativos. Nova Hartz, 2012.

NOVA HARTZ, Museu Histórico de. **Museu Histórico de Nova Hartz**. 2014a. Disponível em: <<http://museuhistoriconovahartz.blogspot.com.br/2013/07/normal-0-21-false-false-false-pt-br-x.html>>. Acesso em: Nov. 2014.

NOVA HARTZ, Prefeitura Municipal de. **Cidade**. 2014b. Disponível em: <http://www.novahartz.rs.gov.br/novo_site/>. Acesso em: Out. 2014.

OLIVEIRA, Kátia Ferreira de. **Atafona e Moinho Henkel**. Nova Hartz. RS – Estudo Sobre o Patrimônio Material e Imaterial. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2009.

OLIVEIRA, Daniel Schommer. **Resgate de técnicas construtivas mais sustentáveis: análise e descrição do sistema enxaimel**. Diplomação (Curso de Engenharia Civil) Departamento de Engenharia Civil. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

PEREIRO, Xerardo. **Do museu ao ecomuseu: os novos usos do patrimônio cultural**. 2002. Disponível em: <www.miranda.utad.pt/~xerardo/PUBLICA%C7%D5ES/MUSEUS%20DE%20ANTROPOLOGIA/DO%20MUSEU%20AO%20ECOMUSEU>. Acesso em: Set. 2014.

PRIAMO, Vania Ines Avila. Nos Trilhos da História: Memórias do Trem na Antiga Picada Hartz. In: FUHR, Roseli Jacinta (Org.) et al. **Raízes de Nova Hartz**. 1v. Novo Hamburgo: Um Cultural, 2012.

PRIAMO, Vania Ines Avila. **Entre a história e o turismo: a cidade e seu patrimônio cultural** (Nova Hartz/RS). Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História). Unidade Acadêmica de Pesquisa e Pós-Graduação. Universidade do vale do Rio dos Sinos - Unisinos. São Leopoldo, 2009.

PRIMO, Judite Santos. **Pensar contemporaneamente a museologia**. Cadernos de Sociomuseologia. Nº 16. Lisboa, 1999. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/350>>. Acesso em: Set. 2014.

RIBEIRO, Agostinho. **Novas estruturas, novos museus**. Caderno de Museologia, v. 1, n. 1. 1993. Disponível em: <<http://recil.grupolusofona.pt/jspui/handle/10437/144>>. Acesso em: Set. 2014.

RODEZ, Grand. **Musée Soulages / RCR Architectes**. Barcelona, 2014. Disponível em: <<http://afasiaarq.blogspot.com/2014/03/rcr-architectes.html>>. Acesso em: Nov. 2014.

SABINO, Paulo Roberto. **Arquitetura de museus: relações entre exposição e patrimônio**. 2º Seminário Internacional Museografia e Arquitetura de Museus. 2010. Disponível em: <arqimuseus.arq.br/anais-seminario...ii/P1_Artigo_Paulo_Sabino.htm>. Acesso em: Set. 2014.

SANTOS, Maria Célia T. Moura. **Reflexões sobre a Nova Museologia**. Cadernos de Sociomuseologia, Nº 18. Lisboa, 2002. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/363/27>>. Acesso em: Set. 2014.

SILVA, José Borges da. História da Emancipação de Nova Hartz. In: FUHR, Roseli Jacinta (Org.) et al. **Raízes de Nova Hartz**. 1v. Novo Hamburgo: Um Cultural, 2012.

TERRADAS ARQUITECTOS. **Pabellón español em la Exposición de Milán**. Barcelona, 2014. Disponível em: <<http://www.terradasarquitectos.com/es/proyectos/pabellon-expo-milan>>. Acesso em: Out. 2014.

TOJAL, Amanda Pinto da Fonseca. **Políticas Públicas culturais de inclusão de públicos especiais em museus**. Tese de doutorado em ciência da informação. Escola de Comunicação, São Paulo: Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-19032008-183924/pt-br.php>>. Acesso em: Set. 2014.

APÊNDICE A

Roteiro de entrevista

Diretora do Museu Histórico de Nova Hartz

Quais as principais atividades desenvolvidas atualmente no museu?

Quais os eventos fixos do museu?

Qual tem sido o público alvo do museu atualmente? Estudantes, adultos, idosos?

O museu tem intenção de atender outro público? Qual?

Como se dá a relação do museu com a comunidade?

Quantos funcionários trabalham atualmente no Museu? Quais suas atividades e sua rotina?

Quais os principais itens do acervo do Museu? Eles possuem alguma característica especial?

O museu tem recebido acervo? São restaurados? Onde?

Qual sua opinião sobre o espaço físico do museu atualmente?

Quais os pontos positivos do espaço físico do museu?

Quais os pontos negativos do espaço físico do museu?

Quais as maiores dificuldades no desenvolvimento do trabalho do museu?

De que forma o museu influencia e contribui com a comunidade?

APÊNDICE B

Roteiro de Questionário

Comunidade de Nova Hartz

SOBRE VOCÊ

1. Profissão: (aberta)

2. Idade

- até 18 anos
 de 19 a 25 anos
 de 26 a 30 anos
 de 31 a 40 anos
 acima de 40 anos

3. Sexo

- masculino
 feminino

4. Escolaridade

- Ensino fundamental completo
 Ensino fundamental incompleto
 Ensino médio completo
 Ensino médio incompleto
 Ensino superior completo
 Ensino superior incompleto
 Pós-graduação

5. Quanto tempo reside em Nova Hartz:

- até 5 anos
 de 6 a 10 anos
 de 11 a 15 anos
 de 16 a 20 anos
 de 21 a 25 anos
 mais de 25 anos

6. Bairro em que reside:

- Arroio da Bica
 Bairro das Rosas
 Bela Vista
 Campo Vicente
 Centro
 Imigrante
 Liberdade
 Primavera
 Progresso
 Vila Nova
 Zona Rural

SOBRE NOVA HARTZ

7. Você conhece a história da origem de Nova Hartz?

- Sim. Passe para pergunta 8.
 Não. Passe para pergunta 9.

8. Como conheceu a história da origem de Nova Hartz?

- Na escola
 Em livros ou jornais
 No Museu Histórico
 Em conversas com amigos ou parentes
 Internet
 Outras

9. Vê potencial para o turismo em Nova Hartz?

- Sim
 Não

10. Por quê? (aberta)

11. Na sua opinião, qual o principal ponto turístico de Nova Hartz? (aberta)

12. Você já participou do Roteiro Cultural Roda D'Água?

- Sim
 Não

SOBRE O MUSEU HISTÓRICO DE NOVA HARTZ:

13. Você já visitou o Museu Histórico de Nova Hartz?

- Sim. Passe para a pergunta 14.
 Não. Passe para a pergunta 17.

14. Por qual motivo você visitou o Museu Histórico? (aberta)

15. Descreva três aspectos positivos do Museu. (aberta)

16. Descreva três aspectos negativos do Museu. (aberta)

17. Você já participou de alguma das atividades promovidas pelo Museu?

- Sim. Passe para a pergunta 18.
 Não. Passe para a pergunta 19.

18. Quais atividades promovidas pelo Museu você participou? (aberta)

19. O que você gostaria de ver no Museu Histórico de Nova Hartz? (aberta)

20. Você acha que o Museu influencia na vida dos moradores de Nova Hartz? Por quê? (aberta)